

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA - UFSM
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

Daiana Schneider Vieira

**PROGRAMA BOLSA FAMÍLIA, REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E
CHARGES NA INTERNET**

**SANTA MARIA, RS,
2017**

Daiana Schneider Vieira

**PROGRAMA BOLSA FAMÍLIA, REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E CHARGES
NA INTERNET**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Psicologia, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM,RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Psicologia.**

Orientadora: Prof^ª Dra. Adriane Rubio Roso

Santa Maria, RS, Brasil
2017

Daiana Schneider Vieira

**PROGRAMA BOLSA FAMÍLIA, REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E CHARGES
NA INTERNET**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Psicologia, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM,RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Psicologia.**

Aprovado em 05 de maio de 2017:

Adriane Rubio Roso, Dra. (UFSM)
(Presidente/Orientadora)

Aline Accorssi, Dra. (UFPEL)

Samara Silva dos Santos, Dra.(UFSM)

Santa Maria, RS
2017

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todas as ‘Marias’ que, como diz a música “possuem a estranha mania de ter fé na vida”. Em especial, àquelas beneficiárias do Programa Bolsa Família com quem tive o prazer de poder trabalhar, ao longo destes (quase) seis anos de Assistência Social, que, com suas vivências, me ensinaram a perceber o mundo com ‘outras lentes’.

AGRADECIMENTOS

Neste momento especial, em que encerro mais um ciclo da minha trajetória acadêmica e profissional como psicóloga, tenho muito a agradecer. Foram tantas pessoas e momentos bons, nos quais pude aprender e crescer, tanto academicamente quanto profissionalmente, mas em especial, pessoalmente.

Meu primeiro agradecimento vai para minha mais que orientadora, minha amiga, **Adriane Roso**. Sem você nada disso seria possível. Obrigada por ter acreditado em mim, por ter investido na minha aprendizagem, por ter me mostrado que era possível realizar meu sonho e por ter possibilitado que eu me tornasse mestre. Obrigada por todos os momentos, inclusive àqueles em que chorei, pois foram estes que trouxeram meu crescimento. Obrigada pelo grupo maravilhoso que tive a oportunidade de integrar, o SMIC, pelas trocas, pelos afetos, pelos cafés e comidinhas gostosas, pelos livros, enfim por tudo.

Obrigada aos meus pais, **Eloadir e Iria**, que nunca mediram esforços para me proporcionar tudo aquilo que precisei. Se hoje estou aqui, prestes a me tornar mestre, é porque o apoio incondicional, o amor e o afeto deles me tornaram a Daiana que todos conhecem. Aproveito para agradecer aos meus irmãos **Anderson, Ludimila e Elisabete** e com eles os meus cunhados **Gelson e Regis**, sobrinhos **Henrique, Eduarda e Valentina** e à minha cunhada/irmã **Deise** por toda torcida e amor depositado em mim, seja de longe ou de perto, sempre soube que poderia contar com cada um de vocês. À **Deise** também pela parceria, pela torcida, por estar sempre me apoiando e compartilhando de momentos bons comigo, seja na minha quali (no dia do niver dela) ou nas noites de Jaguari. Agradeço à minha amada avó **Erna**, pelo prazer de poder estar mais perto e convivendo mais contigo, desde que se mudou para São Pedro. Por tabela, agradeço aos demais familiares, sem citar outros nomes para não correr o risco de me esquecer de alguém. Todos são muito importantes para mim.

Obrigada ao amor da minha vida, o homem que me encantou há sete anos e que, junto comigo, divide as alegrias e dores da vida, que me incentiva, valoriza, que mostra a cada dia que posso conseguir tudo que eu desejar, basta eu acreditar. Por me amar, me respeitar, me apoiar e me fazer feliz, muito obrigada, **José Luís Zasso!**

Um obrigada muito especial ao meu grupo de estudantes de iniciação científica que me acompanhou ao longo destes dois anos de pesquisa. Obrigada por acreditarem em mim, por desejarem, junto comigo, pesquisar (e gravar o documentário) sobre o Bolsa Família, pelo investimento e as contribuições que deram ao grupo. Vocês foram e são muito importantes para mim. Cada um tem um lugar muito especial no meu coração: **Lu(isa) Somavilla, Dani(ela) Giacomelli, Carol(ine) Noal, Odi(rlei) Uavniczak, Jean Corrêa** e aos que participaram do primeiro ano e que nos fizeram sentir saudades: **Alex Monaiar, Va(nessa) Lucchese, Carol(ina) Bonotto e Priscila Eich**. À **Carol Noal**, obrigada por ter ido junto comigo para Jaguari, a fim de realizar a pesquisa. À **Dani** e à **Lu** por estarem próximas de mim nesta finaleira, pelas contribuições na escrita dos artigos e, em especial à **Lu**, pelos abstracts. Não esqueçam, agora temos o documentário pela frente!

Obrigada também aos colegas de mestrado, com quem tive a grata oportunidade de conhecer e conviver, em especial, **Simone Engbrecht, Carol(ina) Schmacher e Henrique Paz**, pessoas que, de longe ou perto, sempre levarei em meu coração. Aos professores do mestrado pelo aprendizado e pelas oportunidades de troca de conhecimento. À **Liara**, super comprometida, paciente e solícita secretária do PPGP.

Ao meu amado grupo SMIC pela convivência, pelas trocas, pela aprendizagem, pelo afeto e todos os abraços que dei e ganhei durante estes dois anos. À **Thaís, Luiza, Cezar,**

Thiago, colegas de mestrado, companheiros de aulas, trabalhos, cafés, festas, comilanças. O mestrado foi muito especial porque sabia que tinha a companhia de vocês. Aos demais SMICquianos **Alex, Luana, Ju, Vanessa, Carol, Joy, Tati, Duda, Karol, Tainara**, minhas companhias de sexta-feira. Levarei vocês sempre no meu coração e, desde já, estou com muita saudade. Obrigada por tudo!

Aos meus colegas da Assistência Social de Jaguari por todo o apoio que me deram para a realização do mestrado e da pesquisa. Ao **Robert**, à **Preta** e principalmente à **Vanessa**, por lá no início me darem forças e apoiarem para que eu tentasse a seleção. Ao **Sidi**, ao Sr. **Miguel** e à **Neiva** por apoiarem e permitirem a pesquisa nas dependências do CRAS. À **Bruna, Gleice, Tânia, Pitanga, Jean, Lizi, Cátia, Manzoni, Negro, Raquel, Lu, Neiva**, enfim todos que, de uma forma ou outra, contribuíram para minha conquista. Um agradecimento especial à minha querida secretária do CREAS, **Andréia**, pela disponibilidade em tudo que lhe solicitei, inclusive para ficar horas a mais, durante a realização da pesquisa.

Ao assistente social, meu colega de equipe e querido amigo **Tiago** por ter me ajudado na pesquisa, por ter segurado “as pontas” no CREAS durante minhas ausências (folgas e férias) por me apoiar, acreditar em mim e principalmente pela parceria linda de trabalho que construímos; muito obrigada! Às minhas amadas amigas psicólogas e ex-colegas de trabalho, **Letícia e Vanessa**, por estarem sempre presentes durante meu percurso de mestrado, por tudo que me ajudaram, pelo suporte que me deram, pelas trocas, pelo apoio, por confiarem e acreditarem em mim, pela linda relação de amizade que construímos, por terem tornado Jaguari e o trabalho na Assistência Social mais leve e prazeroso, meu muito obrigada! Vocês fazem muita falta na Assistência Social de Jaguari! Às minhas colegas de Clínica Saúde, em especial à **Laíse**, que sempre soube me compreender e me apoiar durante este processo de mestrado, muito obrigada!

Ao meu terapeuta **Fernando**, pois seu trabalho foi imprescindível para manutenção da minha saúde emocional e para que chegasse “firme” até aqui! Aos amigos, colegas, familiares e demais pessoas que de uma forma ou outra contribuíram para que conseguisse atingir meu objetivo.

Aos integrantes da minha banca por, carinhosamente, aceitarem o convite de ler meu projeto e depois minha dissertação e poder contribuir com a minha pesquisa. À querida professora **Samara**, a quem tive a grata surpresa de conhecer e admirar através das aulas e do contato que o mestrado me proporcionou. Aos queridíssimos **Marcos Adegas e Aline Accorssi**, que me acompanharam desde a época da Unifra, me viram “crescer” enquanto estudante e agora profissional da psicologia e que marcaram significativamente minha trajetória, através de seus exemplos pessoais e profissionais. À **Aline**, especialmente, um agradecimento por ter me feito ouvir, pela primeira vez, sobre **Moscovici e Representações Sociais**, em uma aula de Psicologia Comunitária, há aproximadamente 10 anos atrás! Por também ter me apresentado a psicologia social, a qual me identifico muito.

Por último, mas não menos importante, às ‘**Marias**’. Estas mulheres guerreiras com quem tive/tenho a oportunidade de conviver através do meu trabalho na Assistência Social. Que, com suas vivências, me mostram e me ensinam a cada dia a olhar para a vida e para o mundo de uma maneira diferente, mais sensível e comprometida. Que me fazem querer lutar mais e mais, a fim de diminuir as desigualdades sociais existentes neste país. Que me ensinam “a ter força, ter raça e ter gana sempre”, assim como diz a música do Milton Nascimento. Por terem sido porta-vozes de muitas beneficiárias do Bolsa Família e por contribuírem de maneira muito significativa na minha pesquisa. Por existirem e por oportunizarem que eu observasse e percebesse que aquilo que via no meu trabalho sobre o PBF era muito diferente do que via circular nas mídias. Por impulsionarem o meu desejo de pesquisar sobre o Bolsa Família e, principalmente, por terem feito parte disso. Muito obrigada!!!!

“Maria, Maria
É um dom, uma certa magia
Uma força que nos alerta
Uma mulher que merece
Viver e amar
Como outra qualquer
Do planeta

Maria, Maria
É o som, é a cor, é o suor
É a dose mais forte e lenta
De uma gente que ri
Quando deve chorar
E não vive, apenas aguenta

Mas é **preciso ter força**
É **preciso ter raça**
É **preciso ter gana sempre**
Quem traz no corpo a marca
Maria, Maria
Mistura a dor e a alegria

Mas é preciso ter manha
É preciso ter graça
É **preciso ter sonho sempre**
Quem traz na pele essa marca
Possui a **estranha mania**
De ter fé na vida (grifos nossos)”

(...)

Maria, Maria – Milton Nascimento e Fernando Brant (1978).

RESUMO

PROGRAMA BOLSA FAMÍLIA, REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E CHARGES NA INTERNET

AUTORA: DAIANA SCHNEIDER VIEIRA
ORIENTADORA: Dra. ADRIANE RUBIO ROSO

Esta dissertação teve como objetivo identificar e problematizar os saberes construídos em relação ao Programa Bolsa Família (PBF). Para tanto, elaboramos dois artigos: “Representações Sociais nas charges do ‘Bolsa Família’: o que nos dizem as beneficiárias sobre isso?” e “Vamos falar sobre o Bolsa Família? A interlocução entre ensino, pesquisa e extensão”. No primeiro artigo objetivamos analisar como mulheres beneficiárias representam o PBF e se charges do PBF possibilitam identificações e significações de suas vivências para com o programa social. A pesquisa empírica foi realizada por meio de círculos epistemológicos em que participaram nove mulheres beneficiárias do PBF, vinculadas a um CRAS de uma cidade do interior do RS. Para a análise, sustentamo-nos na perspectiva epistemológica da Psicologia Social Crítica e da Teoria das Representações Sociais, recorrendo também aos operadores teóricos ideologia, no sentido crítico, e hiper-representações. Por meio do estudo foi possível perceber que, na maioria das situações, não houve significação e identificação entre as vivências destas mulheres com o conteúdo das charges, as quais traziam hiper-representações de caráter ideológico e negativo acerca dos beneficiários do PBF. Nas situações em que houve algum tipo de identificação, foi porque as charges remeteram às situações conhecidas por meio dos meios de comunicação em massa, as quais estavam distantes geográfica ou temporalmente delas. No segundo artigo, trouxemos um relato de experiência acerca do projeto de extensão “Potencializando afetividade e crítica através da arte e da dialogicidade: das vidas invisíveis ou das invisibilidades do objeto saúde” ao qual esta dissertação está vinculada. O projeto foi realizado durante o ano de 2015 e 2016, período concomitante ao percurso do mestrado. O relato foi dividido em três partes: a) Estudando Bolsa Família e cinema, (b) Ensaando para o documentário e (c) Apresentando a atividade de extensão. Concluímos que as atividades relacionadas ao projeto de extensão possibilitaram vivenciar importantes experiências que contribuíram para aprimorar o tema de pesquisa. Reafirmamos a importância do trabalho interdisciplinar e do uso do cinema documentário para trabalhar e (re)pensar temas de interesse social como o Programa Bolsa Família, por meio da Psicologia Social Crítica e da Teoria das Representações Sociais.

Palavras-Chave: Psicologia Social. Representações Sociais. Charges. Programa Bolsa Família.

ABSTRACT

BOLSA FAMÍLIA PROGRAM, SOCIAL REPRESENTATIONS AND EDITORIAL CARTOONS ON THE INTERNET

AUTHOR: DAIANA SCHNEIDER VIEIRA

ADVISOR: Dr. ADRIANE RUBIO ROSO

This Master's thesis aimed to identify and problematize the knowledge built around the Bolsa Família Program (BFP). For that, we elaborated two papers: "Social Representations in editorial cartoons about 'Bolsa Família': what do the beneficiaries tell us about it?", and "Let's talk about Bolsa Família? The dialogue among teaching, research and extension". In the first paper, we aimed to analyze how female beneficiaries represent the BFP and if there may be identifications and significations of their experiences with the social program. The empirical research was conducted through epistemology circles involving nine female beneficiaries of BFP, linked to a CRAS (Reference Center for Social Assistance) from a city in RS. The analysis is based on the epistemological perspective of Critical Social Psychology and the Theory of Social Representations, and it also uses the theoretical concepts of ideology, in its critical sense, and hyper-representations. The study pointed that in most situations there was no signification and identification between the experiences of these women and the contents of the cartoons, which presented negative ideological hyper-representations about the BFP beneficiaries. In the situations in which there was some identification, it was because the cartoons referred to situations that were familiar to them through the mass media, but distant from them in time or space. In the second paper, we brought an experience report about the extension project "Empowering affectivity and criticism through art and dialogicality: the invisible lives or invisibilities of the health object", to which this thesis is linked. The project was carried out during 2015 and 2016, simultaneously to the period of the master's degree. The report was divided into three parts: (a) Studying about Bolsa Família and cinema, (b) Rehearsing for the documentary, and c) Presenting the extension activity. We concluded that the activities related to the extension project enabled important experiences that contributed to improve the research topic. We highlight the importance of interdisciplinary work and the use of documentary films to work and (re)think social issues, such as the Bolsa Família Program, under the light of Critical Social Psychology and the Theory of Social Representations.

Keywords: Social Psychology. Social Representations. Editorial cartoons. Bolsa Família Program.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CADUNICO: Cadastro Único
CEP: Comitê de Ética e Pesquisa
CRAS: Centro de Referência de Assistência Social
CREAS: Centro de Referência Especializado da Assistência Social
IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IGD Bolsa Família: Índice de Gestão Descentralizada
IPEA: Instituto de pesquisa Econômica Aplicada
LOAS: Lei Orgânica da Assistência Social
MDS: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate a Fome
MP: Medida Provisória
MS: Ministério da Saúde
PBF: Programa Bolsa Família
PNAD: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
PNAS: Política Nacional de Assistência Social
PSC: Psicologia Social Crítica
PSDB: Partido da Social Democracia Brasileira
PT: Partido dos Trabalhadores
SMIC: Saúde, Minorias Sociais e Comunicação (grupo de pesquisa)
SUAS: Sistema Único de Assistência Social
SUS: Sistema Único de Saúde
TCLE: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TRS: Teoria das Representações Sociais
TV: televisão

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
MANUSCRITO 1: Representações Sociais nas charges do ‘Bolsa Família’: o que nos dizem as beneficiárias sobre isso?	17
MANUSCRITO 2 : Vamos falar sobre o Bolsa Família? A interlocução entre ensino, pesquisa e extensão	51
DISCUSSÃO.....	66
CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
REFERÊNCIAS	73
APÊNDICE A	75
Ficha Sociodemográfica	75

INTRODUÇÃO

A dissertação aqui apresentada decorre de um pouco mais de dois anos de intensa atividade acadêmica e de pesquisas acerca do Programa Bolsa Família. Para além do propósito do mestrado de formar pesquisadores e docentes, materializado na defesa de uma pesquisa, este estudo traz consigo nossas inquietações e nossos incômodos enquanto psicólogas e pesquisadoras sociais.

Não podíamos ficar ausentes diante de tantos acontecimentos sociais e políticos, ao longo destes dois anos, que certamente influenciaram, e muito, no andamento da nossa pesquisa. O Brasil mudou. Em meados de 2016, nossa presidenta, eleita democraticamente, Dilma Rousseff foi afastada e, na sequência, sofreu um *impeachment* pelo Congresso Nacional. Há quem diga que foi um golpe parlamentar.

Circularam nas mídias diversas acusações e escândalos de corrupção. Políticos foram presos e delatados, dentre eles o presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha, talvez aquele que mais desejasse ver Dilma longe da Presidência da República. Michel Temer, vice-presidente, assume como Presidente Interino e logo após é empossado como Presidente da República. Com ele, vem um pacote de reformas (previdência, trabalhista, ensino médio) e propostas de emenda à Constituição que preveem significativos cortes de gastos e ataques aos direitos básicos da população como saúde, educação, segurança pública e assistência social. O país vive momentos de instabilidade econômica e política, pessoas tomam as ruas para manifestar sua indignação com a situação do Brasil.

E o Programa Bolsa Família (PBF) em meio a tudo isso? Foi afetado também. Boatos de que o programa iria acabar foram feitos e desfeitos. Houve ameaças de corte e a retirada de pessoas do programa. Circularam nas mídias diversas notícias sobre o assunto. Nossa pesquisa teve que ser (re)planejada várias vezes. Tínhamos a intenção de gravar um documentário sobre o PBF, paralelo à pesquisa empírica. Não foi possível (ainda). Quando tivemos oportunidade de sair nas ruas e conversar sobre o programa – tanto para a realização de um piloto de documentário quanto em uma atividade de extensão no Descubra UFSM (“Feira das Profissões”) - percebemos o receio das pessoas em falar sobre o assunto, ainda que informalmente. Toda esta tensão política, econômica e social também trouxe reflexos à realização da pesquisa empírica, aonde as mulheres beneficiárias referiam o medo de serem

excluídas ou que o PBF viesse acabar com a mudança de governo. No fim das contas, o PBF ainda resiste, assim como nossa pesquisa.

A ideia de pesquisar sobre as representações sociais do Programa Bolsa Família nasceu do incômodo provocado por publicações nas redes sociais que continham charges referentes aos beneficiários do PBF. Em especial, quando na reeleição da Presidenta Dilma Rousseff, pessoas descontentes atribuíram a vitória dela aos beneficiários do PBF e aos nordestinos. Estas charges, na maioria das vezes, traziam conteúdos considerados por nós, pesquisadoras, como preconceituosos, xenófobos, racistas, machistas e discriminatórios. Elas destoavam bastante da percepção que eu tinha (Daiana), enquanto psicóloga e trabalhadora do Sistema Único da Assistência Social, sobre as famílias que recebem o benefício, com as quais tenho/tive a oportunidade de trabalhar.

É fato que o Programa Bolsa Família nunca foi – possivelmente não será - consenso na opinião da população brasileira. Se perguntadas, é possível que as pessoas tenham opiniões boas ou ruins sobre o PBF, ainda que nem todos conheçam como funciona e quais são os objetivos do programa. Criado no primeiro mandato do presidente Luís Inácio Lula da Silva - hoje com um pouco mais de 13 anos - o Programa Bolsa Família (Lei nº 10.836/2004) beneficia aproximadamente 14 milhões de pessoas. O programa prevê o repasse financeiro mensal às famílias inscritas no Cadastro Único (CADUNICO), consideradas pobres (com renda familiar per capita de R\$ 85,01 até R\$ 170,00) e extremamente pobres (com renda familiar per capita de até R\$ 85,00). Para o recebimento do benefício, as famílias precisam cumprir condicionalidades relacionadas à área da educação e saúde, como a matrícula e frequência escolar de 85% para crianças e adolescentes de 6 a 15 anos, o acompanhamento nutricional, de imunização e consultas médicas seus beneficiários (BRASIL, 2004).

Ao mesmo tempo em que recebe muitas críticas, o Programa Bolsa Família também confere ao Brasil reconhecimento e premiações internacionais. Por ser um programa social que trabalha visando o combate à pobreza e promovendo o acesso aos direitos básicos, em especial das populações mais pobres, a Associação Internacional de Seguridade Social (ISSA), da Suíça, concedeu o I Prêmio Award for Outstanding Achievement in Social Security ao PBF (IPEA, 2013). Neste sentido, há quem defenda e quem ataque o programa. Há também diversas representações sociais sobre o mesmo.

As representações sociais se referem ao sistema de valores, noções, práticas e conhecimentos que orientam os indivíduos no contexto social e material, integrando-se nas relações sociais (MOSCOVICI, 2015). Elas são também formas de interpretar nossas relações

com o mundo e com o outro, organizando e orientando condutas e processos de comunicação social (JODELET, 1993). Conforme Moscovici (2015), a finalidade das representações sociais é tornar familiar o não familiar, sendo uma forma de conhecimento socialmente partilhada.

Ao nos comunicarmos, estamos produzindo e reproduzindo meios simbólicos que constroem uma representação particular de um objeto, o qual entra na rede de representações que estão intimamente ligadas às questões sócio-históricas e culturais que vivenciamos (JOVCHELOVITCH, 2004). Esses meios simbólicos, Jovchelovitch (2004) afirma que são capazes de construir saberes, os quais estão ligados ao modo de vida e de cultura, oriundos de comunidades humanas e, por isso, considerados plurais, diversos, heterogêneos.

Nesse sentido, a TRS valoriza o saber popular e o senso comum e o coloca em uma categoria científica, passível de ser investigada. No âmbito da Psicologia Social, Arruda (2002) pontua que as representações sociais são entendidas na forma como os sujeitos e a sociedades atuam em parceria na construção de uma realidade, a qual é atravessada pelos processos comunicacionais. Entendida como uma “síntese entre o social e o individual”, Guareschi (1996, p. 30) afirma que a TRS diferencia-se de outras teorias da Psicologia Social ao superar a dicotomia e as problemáticas envolvidas nelas, podendo ser questionada, criticada e rejeitada sem com isso perder a validade e a utilidade na compreensão e interpretação da realidade social. No entendimento de Oliveira e Werba (2009), a TRS propõe-se a pensar dialeticamente, não descartando achados contraditórios, pois entende que trabalhar com as diferenças é o que faz enriquecer a compreensão do fenômeno estudado.

Outro constructo teórico importante relativo às representações sociais, e discutido por Jovchelovitch (2004), é o da hiper-representação que significa a produção de representações sociais sem haver consideração com a realidade do objeto, possibilitando, desta forma, distorções, ilusões, confusões e mentiras acerca dessas representações. Esta é uma questão bastante importante de ser observada, dado o poder simbólico que trazem as hiper-representações, que resultam nelas uma dimensão positiva e criativa ou uma dimensão negativa e de subjulgação, as quais podem ser usadas por determinados grupos sociais para garantir efeitos ligados aos seus interesses particulares (JOVCHELOVITCH, 2004). Dessa forma, o estudo das representações sociais deve abarcar elementos “afetivos, mentais e sociais e integrando, ao lado da cognição, da linguagem e da comunicação, a consideração das relações sociais que afetam as representações e a realidade material, social e ideal sobre a qual elas intervêm” (JODELET, 1993, p. 8).

Ao nos reportarmos a ideia de que as representações sociais carregam saberes que podem estar a serviço da dominação e da exclusão, Guareschi (1996) entende que a decisão de classificar relativa ao processo de ancoragem nunca é neutra. Com isso, o autor defende que as representações sociais, por serem formas simbólicas, podem também ser ideológicas, porém isso não é uma regra, uma vez que representações sociais e ideologia podem se sobrepor mas jamais se identificar (GUARESCHI, 1996). O que é necessário, do ponto de vista da psicologia social, é olhar cada caso, estudar e inquirir se elas são ou não ideológicas.

Sustentamo-nos em Thompson (2011) e Guareschi (2012) que compreendem ideologia no sentido crítico, isto é, propõem a análise a partir das práticas simbólicas que perpassam e se inter-relacionam com as relações de poder, procurando entender como se estabelecem e sustentam relações de dominação. Por práticas simbólicas, Thompson (2011) entende que sejam diversos elementos de linguagem ou não, como imagens, textos, falas, ações que estão inseridas em um contexto social e que ganham legitimação ao serem produzidas por determinados sujeitos e são reconhecidas pela comunidade como algo significativo e verdadeiro. Assim, conforme Thompson (2011), constroem-se relações de dominação em que o poder é assimétrico, inacessível e que exclui outros grupos e pessoas.

Quando falamos em relações de dominação, não podemos esquecer-nos de dois importantes articuladores: a mídia e a comunicação. Sob esse aspecto, Guareschi (2012) entende que a comunicação não apenas constrói a realidade como lhe dá valor, ao mostrar aquilo que existe (ou ocultar algo que lhe interessa) a fim de que haja o entendimento daquilo que é bom ou ruim através do veículo midiático.

Em uma sociedade definida por Thompson (2011) como mediada pelos meios de comunicação, em que saberes e discursos são (re)produzidos, formatados, disseminados, Morigi (2004) entende que a mídia interfere na opinião pública e passa fazer parte do senso comum e das práticas sociais, constituindo-se um importante instrumento de poder. A internet, como um desses meios de comunicação, tem sido uma das vias de manifestação de opinião e de propagação de ideologias, algumas nocivas à sociedade brasileira. Conforme Bonavitta e De Garay Hernandez (2011), a mídia, considerada o “quarto poder”, não está conseguindo proporcionar um olhar crítico da sociedade para com seus problemas sociais, o que lhe deixa menos democrática e tolerante e lhe faz produzir novas formas de violência, mais modernas e sutis, em especial às questões de gênero envolvendo homens e mulheres.

No caso das charges, o que as diferencia de outros gêneros textuais é a conjugação de escrita e imagem, sendo que seu texto pressupõe um processo de recepção e decodificação de

informações, na qual articulam-se relações entre autor, narrador e personagens (FLORES, 2002). Estas relações podem indicar a opinião ou juízo de valor de quem a desenhou, trazendo ainda, em certa medida, tom de ironia ou sarcasmo (PEREZ, 2015). Além de contribuir para moldar o imaginário coletivo, a charge também mostra e diz de nós mesmos e do mundo ao nosso redor; não obstante, seu discurso é dirigido a sujeitos inscritos socialmente em uma ideologia (FLORES, 2002). Em relação ao nosso objeto de estudo, as charges dizem respeito aos beneficiários do Programa Bolsa Família.

Nosso estudo teve o propósito de identificar e problematizar os saberes construídos em relação ao Programa Bolsa Família. Inicialmente, prevíamos duas frentes de trabalho: na primeira iríamos analisar os discursos que circulavam nas charges sobre o Programa Bolsa Família, veiculadas na internet. A segunda frente de trabalho seria no momento em que iríamos escutar as beneficiárias para saber como elas representam o Programa Bolsa Família e se há algum tipo de identificação ou significação de suas vivências com os conteúdos das charges. Entretanto, no decorrer da pesquisa, foi preciso alterar nossos planos. Decidimos transformar as duas frentes de trabalho em uma, na qual, as próprias beneficiárias fariam a análise e a escolha das charges e nós poderíamos identificar como – e se – elas representam o PBF a partir das charges.

Desta forma, o primeiro manuscrito desta dissertação é fruto desta pesquisa empírica, realizada através de círculos epistemológicos com um grupo de mulheres beneficiárias do PBF do CRAS de uma cidade do interior do Rio Grande do Sul. Esta pesquisa teve como objetivo principal analisar como mulheres beneficiárias representam o PBF e se charges do PBF possibilitavam identificações e significações das vivências delas para com o programa social.

O segundo manuscrito é um relato de experiência das atividades realizadas através do projeto de extensão “Potencializando afetividade e crítica através da arte e da dialogicidade: das vidas invisíveis ou das invisibilidades do objeto saúde¹” ou, abreviadamente, “Artes” para qual a pesquisa desta dissertação faz parte. O projeto de extensão “Artes” ocorreu de maneira concomitante à construção da dissertação e envolveu estudantes de iniciação científica no decorrer de dois anos. Teve por finalidade articular a Psicologia Social Crítica e a arte para pensar o objeto ‘saúde’ que, no nosso caso, o cinema documentário foi utilizado como arte para problematizar as representações sociais do Programa Bolsa Família. A partir deste projeto de extensão pudemos realizar um curso de extensão sobre psicologia social e cinema

¹ Projeto registrado no GAP/CCSH sob o nº 040406, coordenado pela orientadora dessa dissertação.

documentário, gravar um ‘piloto’ para, futuramente, fazer um documentário sobre as representações sociais do Bolsa Família. Aliado a isso, tivemos a oportunidade de apresentar e discutir acerca da temática do nosso trabalho na Tenda de Expressões e Afetos, durante a Feira de Profissões da Universidade (Descubra UFSM), em um espaço que foi concedido ao nosso grupo de pesquisa “Saúde, Minorias Sociais e Comunicação” (SMIC) para apresentação das atividades relativas ao Projeto “Artes” e demais pesquisas vinculadas ao grupo.

Tanto o relato de experiência (manuscrito 2) quanto o artigo empírico sobre as charges (manuscrito 1) sustentam-se numa perspectiva psicossocial, tecida a partir dos pressupostos teóricos da Psicologia Social Crítica e da Teoria das Representações Sociais, utilizando como operadores teóricos a ideologia no sentido crítico e as hiper-representações.

MANUSCRITO 1: Representações Sociais nas charges do ‘Bolsa Família’: o que nos dizem as beneficiárias sobre isso²?

Social Representations in editorial cartoons about ‘Bolsa Família’: what do the beneficiaries tell us about it?

² O manuscrito será encaminhado para avaliação à Revista Estudos de Psicologia (Campinas). Normas disponíveis em: <http://www.scielo.br/revistas/estpsi/pinstruc.htm>

Representações Sociais nas charges do ‘Bolsa Família’: o que nos dizem as beneficiárias sobre isso?

Social Representations in editorial cartoons about ‘Bolsa Família’: what do the beneficiaries tell us about it?

Resumo: Partimos do pressuposto de que existem várias representações sociais sobre o Programa Bolsa Família (PBF) e que elas circulam, inclusive em charges na internet. Este estudo objetivou analisar como mulheres beneficiárias representam o PBF e se há possibilidade de identificações e significações de suas vivências para com o programa social, a partir das charges do PBF disponíveis na internet. A pesquisa empírica foi realizada com nove mulheres beneficiárias do PBF que participaram de quatro círculos epistemológicos para analisar charges sobre o PBF. Os resultados indicaram que na maioria das situações não houve significação e identificação das vivências destas mulheres com os conteúdos das charges, as quais traziam hiper-representações de caráter ideológico e negativo sobre os beneficiários do PBF. Quando houve algum tipo de identificação, as charges remeteram às situações conhecidas através dos meios de comunicação, distantes geográfica ou temporalmente delas.

Palavras-chave: pobreza; representação social; mulheres; internet; programas sociais.

Abstract:

We depart from the assumption that there are several social representations of the Bolsa Família Program (BFP), and that they circulate, including in editorial cartoons on the Internet. This study aimed to analyze how female beneficiaries

represent the BFP and if there may be identifications and significations of their experiences with the social program, according to the editorial cartoons about BFP available on the Internet. The empirical research was carried out with nine female beneficiaries of BFP who participated in four epistemology circles, and analyzed editorial cartoons about BFP. The results indicated that in most cases there was no signification and identification of the experiences of these women with the contents of the cartoons, which showed negative ideological hyper-representations of the BFP beneficiaries. In the cases in which there was identification, the cartoons referred to situations that were familiar to them through the media, but distant from them in time or space.

Keywords: Poverty; Social Representation; Women; Internet; Social Programs.

Introdução

Dentre os programas sociais existentes no Brasil, um dos mais conhecidos é o Programa Bolsa Família (PBF). Nos diversos meios de comunicação ou nas rodas de conversa das pessoas, não raras vezes, o assunto é citado. Com beneficiários do PBF espalhados em todas as cidades do país, e com frequentes notícias nos meios de comunicação, dificilmente exista algum brasileiro que não tenha algo a dizer sobre o programa.

Partimos do entendimento de Moscovici (2015), autor da Teoria das Representações Sociais (TRS), que traz a definição de representação(ões) social(is) como o sistema de valores, noções, práticas e conhecimentos socialmente elaborados que se integram nas relações sociais e constroem uma realidade comum a um conjunto social (Jodelet, 2001; Moscovici, 2015). Ao valorizar o saber popular e

o senso comum, a TRS os coloca em uma categoria científica, a qual permite que vários assuntos possam ser objeto de investigação da Psicologia Social, como o PBF.

O Programa Bolsa Família foi implementado no Brasil através da Lei 10.836/2004 e unificou os já existentes programas de transferência de renda (Bolsa Escola, Bolsa Alimentação, Auxílio Gás e Cadastro Único do Governo Federal). Tendo como base os valores mensais *per capita* de R\$ 164,00 (linha da pobreza) e R\$ R\$ 82,00 (linha da extrema pobreza), as famílias incluídas no programa – que cumprem condicionalidades ligadas à saúde e educação, como acompanhamento nutricional e frequência escolar – têm o direito de receber o benefício assistencial, que em média, paga R\$ 176,00 por família (Brasil, 2004; Portal Brasil, 2016a).

Considerado o maior programa de proteção social do país, o PBF foi o responsável pela saída do Brasil do mapa da fome das Nações Unidas (Portal Brasil, 2016b). Mesmo com informações como esta, que atingem um dos objetivos do programa, não há consenso e a população brasileira divide suas opiniões entre aqueles que defendem e atacam o PBF. Por ser um assunto popular, controverso e por vezes até polêmico, representações sobre o Programa Bolsa Família circulam desde as conversas entre as pessoas até as mais diversas mídias, podendo ou não, ter caráter ideológico. Por estas razões, a forma como as pessoas representam o PBF constitui-se objeto de interesse da Psicologia Social Crítica (Guareschi, 2012), a qual entende que todos os fenômenos são relativos, incompletos, históricos, temporais, possuem dois lados, ou seja, não são absolutos e possuem contradições. Dessa forma, ao não descartar os achados contraditórios, a TRS propõe-se a pensar

dialeticamente, enriquecendo a compreensão do fenômeno estudado (Oliveira & Werba, 2009).

Assim, para compreender e comunicar o que se sabe, faz-se necessário representar. E para tal, antes é preciso ancorar e objetivar. Ancoramos quando estamos diante daquilo que nos é desconhecido e procuramos um lugar, uma categoria que se assemelhe a algo que já conhecemos. Quando isso acontece e a representação torna-se palpável, concreta e próxima daquilo que já é familiar ocorre o processo de objetivação. Desta forma, Moscovici (2015) entende que a principal finalidade da representação é tornar familiar e compreensível àquilo que nos é estranho, desconhecido .

No caso do Programa Bolsa Família, é possível que existam diversas representações sociais. Este universo representacional, muitas vezes, é objetivado por meio de diferentes imagens que despertam afetos, sensações, pensamentos. Na era das conexões, o território da internet possibilita a circulação de muitas imagens, como as charges referentes ao PBF. As imagens têm um poder muito grande sobre as representações sociais. Elas são essenciais, pois nos lembra Moscovici (2015), que as representações sociais sempre terão duas faces: uma icônica e outra simbólica e que a significação se dá ao tentarmos igualar uma ideia a uma imagem ou uma imagem a uma ideia.

Usualmente, as charges são construções feitas por artistas e seu conteúdo é composto a partir das representações que os chargistas têm com relação ao objeto representado. É possível que seus desenhos não levem em conta a realidade do objeto representado e, muito menos, perguntem a este objeto, o que ele pensa em relação a isso. Por exemplo, ao realizarmos um levantamento das charges referentes ao PBF na internet, encontramos em muitas delas imagens de mulheres

pobres, com muitos filhos, gestantes e crianças com a barriga protuberante, remetendo a doença conhecida como “barriga d’água”.

Será que os “personagens” representados nas charges dizem sobre a realidade do objeto em questão? Será que se perguntássemos às mulheres que recebem o PBF o que elas pensam sobre as charges, elas se identificariam com o conteúdo destas imagens? Estas são questões que movimentam a reflexão posta neste estudo, objetivando analisar como mulheres beneficiárias representam o PBF. Também buscamos investigar se as charges do PBF possibilitam identificações e significações de suas vivências para com o programa social.

Método

Para a construção do *corpus* de charges deste trabalho, realizamos uma pesquisa no site *Google imagens* com as palavras-chave “Charges Bolsa Família”. Do resultado da pesquisa, selecionamos e imprimimos as 50 primeiras charges. Este material foi levado a um grupo de mulheres beneficiárias do PBF, vinculadas a um Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), de uma cidade do interior do Rio Grande do Sul.

Para os encontros, utilizamos a proposta de estudo de Romão, Cabral, Carrão & Coelho (2006) denominada Círculo Epistemológico, que é uma adaptação do Círculo de Cultura de Paulo Freire. A escolha desta proposta de estudo deu-se, em razão de que, no Círculo Epistemológico tanto pesquisadores quanto pesquisandos são sujeitos da pesquisa, pesquisam e são pesquisados, investigam e são investigados; o pesquisando não é objeto da pesquisa e sim parceiro dela (Romão et al., 2006). No entendimento de Romão et al.(2006), o Círculo Epistemológico constitui-se como uma importante ferramenta de estudos em representações sociais,

pois se entende que os sujeitos – e seus saberes – são incompletos, inacabados e inconclusos, logo, suas verdades são relacionais, isto é, dizem de representações histórico-sociais e parciais, relativas ao contexto que anunciam. Assim, rompe-se a lógica de dominação e subordinação na pesquisa científica; o pesquisador assume a postura de humildade e valoriza o saber do pesquisando.

Para a composição do grupo, fizemos um chamamento público, via rádio local, convidando mulheres beneficiárias e/ou ex-beneficiárias do PBF para participar da pesquisa. Estes círculos foram mediados pela pesquisadora, que também é trabalhadora³ neste local., e uma estudante de iniciação científica, capacitada para tal.

Os círculos epistemológicos tiveram duração média de 1h 45min cada, foram registrados em gravador de áudio e, na sequência, transcritos para a análise do material coletado. Todas as mulheres assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) da pesquisa, a qual é parte do projeto guarda-chuva “Saberes, afeto e cultura material: experiências e vozes do consumo na era das conexões” aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UFSM, sob o CAAE 45518415.5.0000.5346.

O primeiro círculo foi introdutório à temática, no qual as mulheres falaram sobre suas experiências acerca do PBF, assinaram ao TCLE e responderam uma ficha sócio-demográfica. Esta ficha continha questões como o nome (inventado), sexo, idade, estado civil, cidade que nasceu e a que reside atualmente, raça, religião, escolaridade, ocupação, número de filhos e a idade dos mesmos, desde quando recebe o PBF e o valor do mesmo.

³ É importante salientar que algumas mulheres já conheciam a pesquisadora antes da realização dos círculos, em virtude do trabalho desempenhado no local. Porém, a maioria das mulheres que participou da pesquisa não as conheciam, nem participavam dos atendimentos oferecidos no CRAS. Entretanto, a realização da pesquisa possibilitou a criação de um vínculo de confiança e, posteriormente, a procura dos serviços oferecidos no CRAS.

Acerca do nome, propusemos que elas não respondessem com seu nome real, mas que o inventassem a fim de não haver identificação. Três das nove mulheres que participaram dos círculos escolheram para si o nome “Maria”, o qual foi utilizado por nós para nomear e referenciar as falas do grupo “as Marias”.

As 50 charges do Programa Bolsa Família foram divididas em dois blocos e apresentadas no segundo e terceiro círculo. A tarefa do grupo era analisar as 25 charges de cada círculo e, eleger dentre elas 5 que considerassem mais significativas, resultando ao final 10 charges escolhidas. No último círculo, estas 10 charges foram discutidas e analisadas com maior profundidade pelas mulheres presentes.

Para a análise aqui apresentada, sustentando-nos na perspectiva epistemológica de uma psicologia que faz a crítica do social e à Teoria das Representações Sociais (Jovchelovitch, 2004; Marková, 2006;; Roso; 2007; Thompson, 2011; Guareschi, 2012, 2014; Moscovici, 2015), recorrendo especialmente aos operadores teóricos ideologia, no sentido crítico, e hiper-representação.

Contextualizando as Marias, o território de pesquisa e o momento sócio-histórico: Alguns Resultados

Participaram da pesquisa 09 mulheres das seguintes idades 30, 32, 33, 36, 48, 50, 52, 57 e 78 anos, sendo 3 delas brancas, 3 negras e 3 pardas (auto referidas). Com relação à escolaridade, 6 delas tinham ensino fundamental incompleto, 2 com ensino médio incompleto e uma com ensino médio completo. Destas mulheres, 6 estavam em empregos informais (faxineira, cuidadora de idosos,

serviços gerais), 2 delas consideravam-se ‘do lar’ e apenas uma possuía emprego formal: agricultora. Havia também uma mulher aposentada por idade. Quanto à religião, 6 são católicas e 3 evangélicas pentecostais.

Acerca das características familiares, 2 mulheres não têm filhos e as outras têm de 2 a 9 filhos, sendo a média de filhos entre elas de 3. Dessas mulheres, 3 estão casadas, 2 vivendo em união estável, 2 separadas, uma divorciada e a outra solteira. Entre os valores do PBF, o maior deles é de R\$ 300,00 e o menor de R\$ 70,00. Ao todo, os benefícios por elas recebidos somam R\$ 1084,00 e a média geral é de R\$ 120,45. A maior parte destas mulheres recebe o PBF há menos de 10 anos, sendo que a que recebe por mais tempo faz 17 anos (neste período está incluso o vale gás, programa anterior ao PBF) e as que recebem há menos tempo faz 3 anos.

A pesquisa foi realizada nas dependências do único CRAS da cidade, que está localizada no interior do Rio Grande do Sul e conta com um pouco mais de 11 mil habitantes. Tem sua economia baseada nos serviços e no comércio, ainda que quase a metade da população da cidade seja rural. A renda *percapita* de quase metade da população (48,43%) é de 0 a um salário mínimo, o que também é refletido no índice de desenvolvimento humano (IDH) de 0,712, a média da cidade encontra-se abaixo do Rio Grande do Sul e do Brasil (IBGE, 2017).

A cidade é descrita pelas mulheres como um local tranquilo e bom para se viver, onde não há “marginalidade” [sic]⁴, informação esta corroborada pelos dados da Secretaria de Segurança Pública do Rio Grande Sul que indicaram que, no ano de 2016, a cidade não teve registro de ocorrência de latrocínio, nem de furto ou de roubo de veículo, entretanto teve um registro de homicídio doloso, 7 roubos e 3 ocorrências por tráfico de drogas (Zero Hora, 2017). Salientam que a maioria das

⁴ Utilizaremos certas palavras entre aspas, seguidas da sigla sic (segundo informações colhidas) para designar a linguagem das próprias participantes.

peças se conhece e ajuda umas as outras. Percebem como algo ruim o fato de que a cidade praticamente não possui oportunidades de emprego formais, eis uma das razões pela qual a maioria delas não possui emprego ou trabalha informalmente. Dados de 2013, disponíveis no site do IBGE, ratificam esta descrição. Com uma população estimada entre 11 e 12 mil habitantes, o município registrou em 2013 os seguintes números relativos às pessoas ocupadas (com carteira assinada) por setor da economia: 45 pessoas na agricultura, 457 no comércio, 173 na indústria e 712 nos serviços (IBGE, 2017). Ao todo, a soma chega a 1.387 pessoas, o que representa um valor aproximado entre 11 e 12% da população com emprego formal.

Consideram que a pobreza que existe na cidade delas é muito diferente da pobreza do Nordeste, o qual elas conhecem pela televisão. Muitas delas fizeram referências às situações em que passaram fome/necessidade, mas que foram ajudadas por pessoas da comunidade, que lhes doaram alimentos, roupas e móveis. Dentre elas, 6 moram no bairro considerado mais pobre da cidade, uma mora no interior e outras duas em outros bairros, próximos ao centro da cidade.

A pesquisa foi realizada em meados de 2016, quando os valores do Programa Bolsa Família foram reajustados, conforme já havia sido anunciado pela então presidenta Dilma Rousseff. Naquele momento, Dilma estava afastada da Presidência da República, pois estava em curso o processo de investigação que antecedeu seu *impeachment*. Michel Temer era o presidente interino.

Havia, por parte das mulheres, uma grande ligação do PBF com as figuras de Dilma e Lula, assim como também demonstraram as beneficiárias entrevistadas na pesquisa de Rego & Pinzani (2014), que deu origem ao livro “Vozes do Bolsa Família: autonomia, dinheiro e cidadania”. Conseqüentemente, era possível

perceber o receio delas acerca do futuro do país, caso Dilma fosse impedida de continuar governando, e se o PBF iria continuar em um possível governo peemedebista.

Nas mídias muito se falava sobre o PBF. Em especial, circulavam notícias de que o Bolsa Família passaria por um 'pente-fino' e que muitos beneficiários poderiam ser excluídos do programa (Pragmatismo Político, 2016). Esta informação foi trazida diversas vezes ao círculo pelas mulheres, indicando que elas estavam preocupadas, temendo perder parte ou integralmente o benefício de que necessitam. Em outros momentos, esta informação trazia-lhes alívio, pois muitas consideravam que ações como essa iriam evidenciar e, posteriormente, retirar pessoas que não precisavam e mesmo assim recebiam o benefício.

Discussão e Análise: *Re(a)presentando o Bolsa Família*

Durante a realização dos círculos, muitos assuntos – e com isso representações sociais - foram suscitados a partir das charges. Como exemplo, podemos citar a forma de usar o dinheiro do Bolsa Família, o papel da mulher/mãe, as situações de pobreza, o futuro dos filhos, o cumprimento das condicionalidades, a imagem dos beneficiários, o número de filhos/fecundidade, as situações de negligência, violência ou exploração que as crianças são expostas, dentre outros aspectos.

Alguns desses temas têm sido objetos de pesquisas com beneficiários do PBF. O papel e o cumprimento das condicionalidades relativas à educação como a frequência escolar foram estudas por Feijó & Pires (2015); a rotina acadêmica de crianças ribeirinhas beneficiárias do PBF por Freire, Silva, Pontes & Borges (2013) e

a condicionalidade de saúde, relativa à segurança alimentar e nutricional, foi estudada por Traldi, Almeida & Ferrante(2012). Questões de gênero, fecundidade e empoderamento de mulheres foram estudadas por Pires (2012); Simões & Soares, (2012); Moreira, Ferreira, Lima & Ckagnazaroff (2012), respectivamente. Outras questões como a moralidade no uso do dinheiro do PBF foi estudada por Eger & Damo (2014) e a eficácia do programa, sob o ponto de vista de seus beneficiários foi estudada por Santos, Gouveia Junior, Oliveira, Melo & Souza (2014). Dentre estes estudos, nenhum trabalha com a questão das representações sociais dos beneficiários do PBF.

Para a realização deste estudo, escolhemos a imagem de quem recebe o Bolsa Família como meio para analisar como as participantes na pesquisa representam o programa. Lembrando que as charges, ao mesmo tempo que falam de um lugar, de um contexto, de um sujeito (o chargista), ao serem recebidas e apropriadas por essas mulheres, que também têm suas próprias representações sobre o mundo, sobre o PBF, movimentam esse sistema representacional. As representações sociais nunca são de um sujeito, tampouco são de um coletivo; elas são sempre dialógicas: Sujeito/Ego-Alter/Outro-Mundo. Nesse sentido, o conhecimento dialógico é definido por Markova (2006, p.278) como aquele que “é gerado a partir do processo de três componentes do Alter-Ego-Objeto (representação social), em suas muitas manifestações dinâmicas, sendo o Alter-Ego uma relação comunicativa e simbólica”.

Visando a melhor compreensão e análise do material coletado, passaremos a descrição de cinco das dez charges, já que, até o momento, não foi possível obter a autorização de direito de imagem das mesmas. Em comum, as charges escolhidas mostram pessoas e famílias com filhos, situações de pobreza que possibilitaram que

as mulheres identificassem como os beneficiários do Programa Bolsa Família são representados e, ao mesmo tempo, pudessem, comunicar e refletir sobre suas próprias representações.

Além da descrição, disponibilizaremos também o link de acesso das charges, a fim de que se possa facilitar a análise e compreensão das mesmas. Com relação ao título, nem todas as charges o possuíam. Mantivemos o título naquelas charges já nomeadas pelos seus chargistas e criamos um título conforme a imagem e o contexto nas que não haviam sido nomeadas.

(Re)desenhando o Bolsa Família: a descrição das charges

A escolha das charges se deu, em grande parte, pelas questões que elas apresentavam, as quais as mulheres consideravam “erradas” [sic], como o uso de drogas, a exploração sexual infantil, a negligência familiar, o uso incorreto do dinheiro do Bolsa Família ou aquilo que elas denominavam como “retrato da pobreza do país” [sic]. Boa parte das charges trazia a imagem de famílias, as quais eram compostas sempre por mulheres, a maioria delas brancas, grávidas e/ou com filhos pequenos.

Charge: fim do PBF

A charge é composta por cinco pessoas brancas, uma mulher adulta segurando uma criança descalça, um homem adulto com roupas remendadas e uma garrafa no bolso de trás de seu calção, um menino que está sem camisa e de pés descalços e uma menina que tanto quanto a mulher está com roupas sem remendo

e usando calçados, há também um cachorro. O ambiente é a esquina de uma rua movimentada, com vários carros e prédios ao fundo, contendo uma sinaleira, uma lata de lixo, incluindo lixos no chão da rua e dois cartazes na parede atrás dos personagens. Os protagonistas da charge se apresentam com as mãos estendidas e há um chapéu em frente deles, a mulher fala ao homem sobre rumores de o PBF chegar ao fim, ele a responde dizendo que se caso o Bolsa Família acabar eles colocarão “o Uélerson no crack e coloca a Shirley na vida...”.Link para acesso da charge:

<http://chargesdodenny.blogspot.com.br/2013/05/fim-do-bolsa-familia.html>

Charge: população invisível

Formada por cinco pessoas, três homens brancos, uma mulher negra e uma criança. Dois dos homens estão bem vestidos, com camisas brancas, óculos e segurando pranchetas, parecem estar com uma expressão de surpresa no rosto. O terceiro homem está sem camisa e com os pés descalços, uma mão está sobre seu peito e a outra erguida com o dedo indicador para cima. A mulher está usando um vestido rasgado e está com os pés descalços, um dos braços está levantado para cima da mesma forma do terceiro homem, e o outro braço está segurando a criança que não está usando camisa e também está descalça. O espaço da charge tem ao fundo prédios que parecem estar formando uma cidade, uma caixa aberta no chão entre os personagens, e moscas sobrevoando ao redor do terceiro homem e da mulher com a criança. Os dois homens que estão bem vestidos conversam entre si, um deles pergunta se o outro está vendo alguma coisa, o outro responde que vê apenas moscas. Link para acesso da charge:

https://blogdobriguilino.blogspot.com.br/2013/10/10-anos-do-bolsa-familia_30.html

Charge: Número de dependentes

Na charge há casa de madeira com um cercado também de madeira em sua volta. Há duas pessoas e um cachorro. Um homem usando óculos e com um colete que está escrito “IBGE censo 2010”, contendo nas mãos um bloco de anotações e uma caneta, e uma mulher usando um vestido com um avental e lenço na cabeça. O homem pergunta “quantos dependentes?” e ela responde: “Três! Meu marido, de cocaína; meu filho, de crack; e eu, do bolsa-família!”. Link para acesso da charge:

<https://amarildocharge.wordpress.com/2010/08/04/numero-de-dependentes/>

Charge: investimento

Mostra onze pessoas, uma mulher e um homem adultos, e nove crianças pequenas. O ambiente é um quarto, há uma cadeira com uma pequena televisão ligada sobre ela, um guarda-roupa aberto, um cachorro em baixo da cama, muitas roupas espalhadas pelo chão, chinelo, cabide e até um penico⁵ com urina dentro. Na cama o homem e a mulher estão deitados cobertos por um lençol, há duas das crianças em cima da cama também, as outras sete crianças estão deitadas e espalhadas pelo chão, duas delas possuem travesseiros e outras duas dividem uma manta. A mulher, que aparentemente está nua debaixo do lençol, segura o cartão do

⁵ O mesmo que urinol; recipiente portátil para urina e dejetos humanos, usualmente colocado sob a cama para ser utilizado à noite, especialmente em casas que não tenham banheiro interno, em hospitais ou casa de repouso.

BF e está dizendo ao homem que eles precisam aumentar seus investimentos. Link para acesso da charge:

http://clevertoncaricaturas.blogspot.com.br/2013_03_01_archive.html

Charge: vidas secas

O ambiente mostrado é um lugar com a terra muito seca, um cacto ao fundo, uma casa de barro com aparência muito pobre e uma árvore seca que parece estar dentro da casa. É composta por três personagens: uma mulher negra e grávida que usa um vestido, lenço na cabeça e está descalça, e duas crianças sem roupas e também descalças, ambas muito magras e de expressões tristes, assim como a mulher. Ela está procurando algo dentro de uma bolsa com estampa da bandeira do Brasil, única coisa mais colorida na charge, mas a bolsa está furada tanto que sua mão sai ao fundo dela. Uma das crianças está agarrada em sua perna e a outra sobre suas costas. Link para acesso da charge:

<http://otavioaraujo.blogspot.com.br/2010/11/ibge-226-mil-familias-ainda-nao-tem.html>

***“Só porque recebe o Bolsa Família não quer dizer que a pessoa tenha que andar de pé no chão, esfarrapado”:* analisando das charges**

As crianças:

Uma das questões que mais incomodou as mulheres durante a escolha e análise das charges foi a imagem dos beneficiários do PBF. Em sua maioria, as

crianças eram desenhadas descalças, sujas, sem roupas ou com roupas rasgadas, com remendos. As beneficiárias não reconhecem nestas charges a verdadeira imagem das crianças das famílias que recebem PBF: *“Assim, eu não sei se conhece realmente, porque nem todos que recebem o Bolsa Família são, assim, de arremendado, as criança de pé no chão, né? Porque acho que a realidade aqui é outra, né?”* (Marias).

Por mais que seus filhos ou outras crianças conhecidas nem sempre tenham roupas novas, compradas em lojas, eles estão sempre vestidos, com roupas usadas, porém consideradas boas, limpas e com calçados:

(...) “mas eu graças eu Graças a Deus roupa e calçado nunca precisei comprar pros meus filhos. É tudo dado do povo, né? Mas é tudo novo. Que eles usem uma vez, duas, mas é tudo roupa nova que eles dão, né? Tudo roupa boa. (...) Aqui as pessoa compram roupa, calçado, deixam arrumadinho pra ir pro colégio, não deixam faltar material, não deixam faltar alimento”... (Marias).

Ainda que elas reconheçam que existam situações de extrema miserabilidade, não há, crianças nuas e descalças em seus contextos. Ora, quando as representações sociais são produzidas sem que se leve em conta a realidade do objeto – como as crianças nuas e descalças –, estamos diante de uma hiper-representação (Jovchelovich, 2004). A hiper-representação é parte do poder simbólico da representação, porém quando utilizada por grupos sociais com interesses particulares podem distorcer, ludibriar e confundir a realidade que estão inseridas (Jovchelovich, 2004). Com isso, constituem-se práticas simbólicas que se inter-relacionam com relações de poder e servem para estabelecer e sustentar relações de dominação, denominadas por Thompson (2011) como ideologia.

⁶ Manteremos a fala das mulheres o mais fiel possível, fazendo correções na grafia apenas quando não for possível o entendimento da palavra/expressão.

A aparência das crianças é de tristeza, como se houvesse um pedido de ajuda. Elas são desenhadas magras, porém há uma protuberância na barriga, a qual as beneficiárias referem-se a “crianças barrigudinhas” – sugerindo fome, desnutrição ou a doença Barriga D’água (esquistossomose) (charge “vidas secas”, “Fim do BF”). Esta descrição não permite identificação com as crianças que conhecem, a maioria delas, beneficiárias do PBF. Porém, remete à imagem de crianças que não foram beneficiárias do programa, como as crianças africanas ou as crianças brasileiras das notícias de TV de mais de 15 anos atrás:

“Até que essa figura mostra a realidade né, que, não é que, pra cá não tem né, mas a gente olha na televisão pra vê muitas criança passem fome (...) não tem um calçado pra vestir, não tem uma coisa assim ah, e ainda das vez a gente reclama da vida (...) Igual na África lá, coitadinhas que comem até coisa crua (...)é, que pena das pobrezinha” (Marias).

Dessa forma, a charge possibilita a ancoragem em imagens reproduzidas pelos meios de comunicação, em especial a TV. Porém, ao mesmo tempo não propicia a identificação com as crianças pobres que elas convivem, pois estas recebem o PBF, o que viabiliza a compra de alimentos e a garantia do acompanhamento nutricional e de saúde, com pesagens, vacinas e consultas médicas.

Outro aspecto reconhecido pelas beneficiárias através das notícias veiculadas na mídia, mas que não acontecem na cidade em que vivem, é a exposição a situações de abuso sexual (como nas charges “investimento” e “fim do BF”), de exploração do trabalho infantil, drogas (charges “fim do BF” e “número de dependentes”) e negligência familiar (charges “investimento” e “fim do BF”). Na charge “investimento” as crianças não possuem cama nem quarto, dormem no chão, sem ter algo para lhe cobrir:

“Essa aqui também pode acontecer, porque a gente vê casos na televisão de exploração de criança (...) porque aqui não acontece, mas a gente vê na televisão, as criança vão pra sinaleira pedir (...) é difícil acontecer isso aqui, mas a gente liga a televisão, nos outros lugar, Deus o livre, aparece coisa que a gente se apavora, até. E esse aqui, por exemplo, esse aqui é um absurdo da mãe querer prostituir os fio e botar o filho dela, é parece que filho, no crack. É, isso aqui a gente não faz” (Marias).

Nesse sentido, Thompson (2011) faz referência a uma sociedade e uma cultura midiada, a qual tomamos conhecimento por meio das notícias veiculadas na mídia. Guareschi (2012) entende que a mídia (re)constrói a realidade instituindo aquilo que é ou não, real e existente. Assim, as beneficiárias não percebem em seu contexto as situações evidenciadas nas charges, mas reconhecem que as mesmas existem e assumem como verdadeiras por já terem assistido notícias que confirmavam sua existência. Suas falas corroboram que as mídias de grande circulação são produtoras de representações sociais e criadoras de verdades sobre a sociedade.

As mulheres:

Outra questão que causou incômodo refere-se ao fato de a maioria das mulheres terem sido desenhadas grávidas, além de seus três a nove filhos. Sobre este aspecto, as beneficiárias dizem que é impossível, nos dias de hoje, que as mulheres tenham tantos filhos:

“Não é pra tá sempre grávida para ganhar Bolsa família por que já, se ela já tem um ou dois filho ela já tá recebendo Bolsa Família. Por que ela tá, tem que tá, sempre grávida para botá, pra podê receber Bolsa Família? Tá errado. (...) Não sei também. Nunca vi uma mãe ter tanto filho assim” (Marias).

Elas reconhecem que na geração de suas mães ou avós, era comum que as famílias tivessem muitos filhos: *“porque a minha mãe que me criou teve dez (...) é que antigamente também eu acho que era mais fácil criá” (Marias)*. Porém, esta realidade mudou e as mulheres não engravidam para receber maior valor no Bolsa Família, pois o cadastro permite a inclusão de no máximo cinco filhos:

“Porque ah, é assim quando eu fui fazer o cadastro, eles têm uma quantidade né que botam no Bolsa Família. Não é, porque se fosse assim todo mundo fazia, né? (...) e até no máximo cinco, seis vai na Bolsa Família, mais não” (Marias).

As beneficiárias consideram que mulheres com mais de três filhos que recebem Bolsa Família são exceção, pois entendem que nos dias atuais, se uma família pobre tem muitos filhos, corre-se o risco de morrerem de fome ou passarem necessidades: *“(...) Mas hoje em dia se vai tê dez filho, morrem tudo de fome” (Marias)*.

As charges de mulheres com muitos filhos e constantemente grávidas trazem uma hiper-representação da imagem da mulher, a qual também tem caráter ideológico com sentido negativo e dinâmico (Guareschi, 2012). Esta hiper-representação também denota um caráter pejorativo e valorativo, que, ao ser usado como estratégia para manipular informações sobre o PBF, contribui para classificar e discriminar mulheres beneficiárias como aquelas que não trabalham e têm muitos filhos para “viver às custas do governo”. Nesta direção, Guareschi (2014) conceitua dois níveis de dominação ideológica: o que acontece no plano sociológico e que pode ser evidenciado através das relações entre classes sociais e o que acontece no plano individual, o qual tem o poder de instituir papéis, funções e relações sociais de cada pessoa. Essa hiper-presentação também é ideológica, pois reproduz relações de dominação, repercutindo, muitas vezes na ideia de que o PBF é mal

visto pela sociedade por “sustentar as famílias” e colaborar para que sejam vistas como “vagabundas”, sem emprego.

Assim como as crianças nas charges, as mulheres têm roupas simples, rasgadas ou com remendo. As beneficiárias entendem que isso não acontece na realidade, pois a maioria das pessoas que elas conhecem e recebem PBF possuem roupas boas e limpas: *“Hoje em dia ninguém mais quase usa roupa remendada. (risos) Não. É difícil. Eu nunca vi mais, uma pessoa com roupa remendada de antigamente, sabe” (Marias).*

Ainda que conheçam pessoas que usem roupas mais velhas ou com remendos, ponderam que estas pessoas são do interior e que, por trabalharem em lavouras, preferem utilizar roupas mais velhas. Dessa forma, a representação das mulheres na charge não lhes traz identificação nem com elas, nem com outras mulheres que conhecem, mas remete a uma imagem antiga e já conhecida delas: a das pessoas que trabalham no interior. Elas dizem:

“As pessoas de fora, sim... Mas elas eram trabalhando na lavoura, né? Tem que andar assim, arremendado. Porque eu sou de fora, daí eu sei que lá andam arremendado, mas aqui na cidade, não (...) Porque eu tenho, a minha família toda é de fora. Aí tem uns tio que trabalham tudo, daí eles andam arremendado, mas pra trabalha né? Botem roupa velha daí (...). No tempo dos avô da gente era muita pobreza, né? Mas trabalhavam tudo em lavoura e tudo, mas era mais fartura também” (Marias).

Isso demonstra que as representações sociais não são estáticas, reificadas (Guareschi & Roso, 2014). Pelo contrário, as representações sociais são sempre dinâmicas, contextuais, plásticas e dialógicas, mudam com o passar do tempo e estão em constante atualização (Marková, 2006). Isso também nos diz que alterações nas condições sociais e econômicas também contribuem para mudanças das representações sociais.

Nas charges, a aparência das mulheres é de tristeza e sofrimento, o qual as beneficiárias entenderam que fosse pelo fato de elas não terem o que dar para comer para seus filhos (em especial a charge “vidas secas”): *“ou ela tava sofrendo porque as criança tavam com fome, talvez né? (...) e ela não tinha o que dá. Porque ela tá com a cara ali de triste” (Marias).*

Na interpretação das beneficiárias, esse sofrimento é o retrato da miséria no país e de pessoas que são muito pobres e que lutam dia após dia para sobreviver. Elas entendem que situações de miserabilidade e de pessoas que não têm o que comer ainda acontecem no país, em especial em estados do semiárido do Nordeste ou em alguns países da África, os quais elas têm referências a partir das notícias que assistem na televisão: *“aquela mulher também parece ser verdade, que aqui não tem, mas a gente olha na televisão, lá pras banda do nordeste e coisa são tudo mais pobre assim que a gente” (Marias).* Novamente, como no caso das representações das crianças nas charges analisadas, concordamos com Thompson (2011) e Guareschi (2014, 2012) quando argumentam que a mídia, através de suas estratégias ideológicas, tem o poder de mediar a cultura, as relações humanas e a sociedade. Acreditamos que esta mediação da cultura repercute na (re)construção de representações sociais sobre a imagem de pobreza, das mulheres e das beneficiárias do PBF. Representações estas que são criadas pelas mídias de grande circulação e se tornam verdades.

No entendimento das beneficiárias, a pobreza delas difere dessa situação de miserabilidade, pois ainda que não tenham muitos recursos materiais, os filhos delas nunca passaram fome:

“E eu achei interessante porque ela representa as pessoa, que, essas que vivem mais na miséria que a gente. A gente não pode se considera, que graças a Deus que comida a gente tem todos os dias

é? Mas tem muita gente que não tem. Daí eu acho que ela representa esse tipo de, de pessoa, né?” (Marias).

A beneficiária do Programa Bolsa Família entrevistada no estudo de Accorssi e Scarparo (2012) também traz este entendimento sobre a diferenciação entre pobreza e miserabilidade. Na pobreza, a pessoa trabalha, ganha pouco, mas tem como garantir o seu sustento; na miserabilidade, o sustento familiar não é garantido, havendo a dependência de alguém que tenha algo para lhe oferecer, a fim de que possa se manter e sobreviver.

Muitas beneficiárias relataram situações de dificuldades que passaram em suas vidas, como quando se separaram de seus companheiros, os pais de seus filhos. Porém, acreditam que por estarem vivendo em uma cidade pequena, em que todos se conhecem, sempre houve pessoas bondosas que lhes deram ajuda e alimentação:

“Que o meu marido, quando me separei dele ele me deixou sem um grão de arroz em casa. Não tenho vergonha de contá, né? (...) E, aí as gurias, das vez, pra elas sempre as pessoas bondosas sempre davam prato de comida, né? Mas pra gente era mais difícil. Daí (...) acho que uma mãe que sofre na pele pra vê o sofrimento de outra mãe e um filho pedir e a mãe não tê. Porque a gente, eu, doía por dentro quando as minhas filhas pediam alguma coisa e eu sabia que não tinha pra dá, sabe?” (Marias).

Para além das charges: o que as beneficiárias não viram nas imagens

As charges continham muitos elementos a serem analisados. As beneficiárias identificaram muitos aspectos nas charges, mas nem tudo foi analisado por elas. Neste sentido, sustentamo-nos na Psicologia Social Crítica (PSC) para analisar os demais elementos das charges. Guareschi (2012) define a PSC como aquela psicologia social que mostra o que está aí juntamente com aquilo que não está,

entendendo que o que está oculto e silenciado também faz parte da totalidade do fenômeno. Esse processo de interpretação, pensamos, tem como uma de suas finalidades colocar a crítica em movimento via perguntação: ao invés de dar respostas, construir questões que possam levar o pesquisador, o participante na pesquisa, o leitor dos relatórios de pesquisa a refletir para além das aparências, da superficialidade dos fenômenos sociais.

Um dos elementos não analisados pelas beneficiárias foram os homens das charges. Das cinco charges, em três eles aparecem ao lado das mulheres e crianças, sugerindo a composição de uma família. Todos eles são brancos, usam roupas rasgadas ou com remendos, um deles aparenta ser morador de rua (“população invisível”), outro aparece com bebida no bolso de trás da bermuda (charge “fim do BF”) e o outro sugere estar nu, embaixo do lençol (charge “investimento”).

As beneficiárias também não observaram a raça das mulheres desenhadas, que na maioria das charges, era branca. Assim como demonstram os dados do IPEA (2013) a maior parte de beneficiários do PBF é mulher tanto no Brasil quanto na região sul o percentual é 55,5% de mulheres. Entretanto, quanto a raça, o Brasil registra a maior de beneficiários que se autodeclara como pardo (66,7%), enquanto que, na região Sul o percentual de pardos é de 19,2% e de brancos é de 73,4% (IPEA, 2013). Desta forma, no quesito gênero e raça, as charges retratam o perfil das beneficiárias da região Sul, porém, não condizem com o perfil brasileiro, cuja maioria se autodeclara parda.

A imagem dos homens também sugere uma hiper-representação de caráter ideológico do PBF, pois permite e colabora que se legitime a visão de que os homens não trabalham e fazem filhos para que possam receber o benefício. Este

caráter pejorativo, vinculado ao uso de álcool e outras drogas ou a ausência da figura do homem em algumas charges contribui para que ocorram as estratégias ideológicas que Guareschi (2012) denomina de legitimação e naturalização da imagem das famílias pobres. Em outras palavras, quer dizer que é verdade que todas as famílias pobres são consideradas “disfuncionais” e que não haverá mudança, pois o PBF contribui para que mães tenham muitos filhos sem pai e que, estes acaso componham famílias, não precisem trabalhar, pois o “governo lhe garantiria o sustento”.

Além disso, as charges mostram todas as mulheres usando vestido (a exceção da charge “investimento” em que sugere estar nua), com lenço na cabeça, descalças ou com chinelos, com roupas simples ou rasgadas. Algumas destas mulheres estão sujas, não possuem todos os dentes na boca e têm seios caídos como se a charge quisesse depreciar sua imagem. Essa ideia de desleixo, descuido é mais uma hiper-representação da imagem de pessoas, especialmente de mulheres pobres, que não foi trazida pelas beneficiárias nos círculos.

Junto a isso, podemos especular que ao apostar na imagem de homens “desviantes” (usuários de drogas, morador de rua) transferem a culpa para um objeto ou situação. Isto é, o homem não é a causa da miserabilidade, mas o efeito desse mesmo objeto ou situação. À mulher, esta sim, sóbria, e do lar, resta a responsabilidade por si mesma.

Outro aspecto importante que também não foi observado pelas beneficiárias, foi que, na maioria das charges, as crianças e bebês desenhados eram meninos. Da mesma forma, não se analisou com profundidade o fato de que os homens desenhados como beneficiários estavam muito diferentes do que os homens

desenhados como técnicos (charges “população invisível” e “número de dependentes”).

Neste sentido, há uma clara demarcação de classe, trabalho e lugar social em que homens de óculos, munidos de pranchetas e canetas, vestidos de maneira que é possível identificá-los como recenseadores ou integrantes de equipes de saúde/assistência social ocupam um lugar de saber diante de outros homens desenhados maltrapilhos e carentes de ajuda. Estas imagens reforçam a ideia de dominação ideológica de caráter sociológico (Guareschi, 2014) de que existam classes hierarquicamente inferiores, evidenciadas na aparência dos trabalhadores (bem vestidos e limpos) em contraponto à aparência dos beneficiários (mal vestidos e sujos). A imagem também permite que ocorra ideologicamente a legitimação (Guareschi, 2012) da ideia de que pessoas pobres precisam, necessariamente, de ajuda governamental.

Com relação à charge “investimento”, as beneficiárias perceberam que o casal desenhado estava nu embaixo do lençol. Porém há um detalhe que não foi aprofundado na análise delas: o fato de que os seios da mulher estão demarcados e visíveis, mesmo embaixo da coberta, algo que não é evidente com relação ao homem. Mais uma vez é possível perceber a objetificação e exposição do corpo das mulheres, reforçados com as imagens depreciativas e sexualizadas da mulher. Em uma análise mais ampla, podemos inferir que imagens como estas também poderiam incentivar e colaborar à misoginia, ou seja, com o desprezo e aversão pelas mulheres.

Além disso, os seios desenhados são desproporcionais à figura da mulher, o que sugere que ela possa ter amamentado as nove crianças desenhadas ao redor dela e que isso poderia ter lhe deixado com “seios caídos e deformados”. A

aparência do casal nesta charge sugere intensa atividade sexual, onde a mulher está escabelada e o homem parece estar tonto, sugerindo que o “trabalho” e o “investimento” dela seja procriar, para assim aumentar o valor do benefício. Assim como nas charges anteriores, na imagem deste casal da charge “investimento” são utilizadas as estratégias ideológicas de legitimação e naturalização (Guareschi, 2012) que interferem na (re)construção de representações sociais acerca das famílias beneficiárias do PBF.

Conclusão - “Isso aí tudo é um deboche que eles fazem pra, pro pessoal que ganha Bolsa Família”: (des)construindo a imagem de seus beneficiários

Com este estudo foi possível analisar como mulheres beneficiárias representam o PBF a partir das charges e concluir que, na maioria das situações, não houve significação e identificação com suas vivências com o programa. Isso se deve ao fato de que, entre outras coisas, a maioria das imagens trazia hiper-representações de caráter ideológico e negativo das famílias que recebem os PBF. Sendo que, quando houve algum tipo de identificação, as charges remeteram às situações que as mulheres conheciam através dos meios de comunicação em massa e que estavam distantes geográfica ou temporalmente delas.

Ao analisarem as charges, as beneficiárias do PBF chegaram ao entendimento de que as pessoas que desenharam estas imagens não tinham conhecimento sobre como é a vida de quem recebe o benefício ou, em outra hipótese, que a intenção fosse fazer um deboche, desqualificar o programa e seus beneficiários:

“Eu no meu pensamento, eu acho que isso eles tão, não é verdade, isso aqui é, eles fazem uma crítica por causa que, não é, não

acontece isso aqui.(...) No meu pensamento tá errado. É crítica que fazem pra pode ganhar, pra dize que as pessoa fazem filho pra ganha Bolsa Família. E não é verdade que essas criança tão no chão dormindo aqui e os pai deles tão na cama ali sem. É a crítica que eles fazem pra fala mal da pessoa que ganha Bolsa Família. Por que isso aí não é verdade, olha que tem criança por cima da cama, tem criança pelo chão, criança por todo canto, isso aí não é verdade. E eles pelado ali, isso também não é verdade. Isso aí tudo é um deboche que eles fazem pra, pro pessoal que ganha Bolsa Família (...) não acredito que uns pai e uma mãe sejam tão irresponsável de faze uma coisa dessas aí. Não, não é verdade!” (Marias).

Em um sentido geral, as mulheres beneficiárias não se reconheceram nas charges. Tampouco reconheceram seus familiares ou conhecidos que também são beneficiários do programa. As imagens de mulheres grávidas e a quantidade de filhos reproduzem a lógica machista, aumentando as diferenças entre os gêneros e potencializando a misoginia. Além disso, essas imagens trazem hiper-representações de caráter ideológico que reforçam o preconceito e a ideia de que famílias pobres têm muitos filhos a fim de aumentar seu benefício socioassistencial.

As roupas rasgadas, sujas e com remendos sugerem que pessoas em condição de pobreza vivam em situação de miserabilidade, onde seria permitida também a exploração sexual e do trabalho, em especial dos filhos destas famílias, a fim de garantir o sustento financeiro caso o PBF fosse terminar. Estes fatos não são reconhecidos pelas beneficiárias, as quais afirmam que, no contexto em que elas vivem, esta situação não acontece e se, caso viesse ocorrer, elas fariam denúncia ao Conselho Tutelar.

As relações interpessoais demonstradas nas charges são assimétricas e denotam a dominação de caráter ideológico sociológico (Guareschi, 2014), passando a impressão de que as pessoas, por serem pobres, são dependentes das “ajudas” do governo e que por isso não trabalham. Estas ideias perpetuam-se nas charges através de estratégias de legitimação, como se fossem verdades absolutas,

naturalizando a imagem da pobreza. Neste sentido, concordamos com Accorssi, Scarparo e Guareschi (2012) que é preciso reagir, lutar, e não reproduzir de forma ingênua estas ‘verdades’ sob pena de estarmos colaborando para a naturalização da pobreza e a manutenção de relações de dominação.

As charges não permitem o próprio reconhecimento das beneficiárias, porém, elas trazem identificações com situações nas quais se tem conhecimento através dos meios de comunicação em massa, no caso delas, das notícias veiculadas na televisão. Nesse sentido, ao veicular notícias, a mídia televisiva legitima determinados saberes e naturaliza visões de mundo que (re)constroem representações sociais. Estas representações sociais, por vezes, hiper-representações, são carregadas de sentidos e de interesses que, muitas vezes são negativos, pejorativos, distorcidos e que servem para manter e reproduzir relações de dominação. Seu caráter ideológico perpetua a ideia de que os beneficiários do PBF vivem à custa do governo, sem trabalhar, apenas fazendo filhos, quando na realidade as pesquisas e os estudos realizados pelas instituições como o IBGE mostram o contrário (Site Uol Notícias, 2015).

A construção das charges reforçam as representações sociais de beneficiários como pessoas miseráveis, que não trabalham, que usam o PBF para viver às custas do governo, como se a pobreza fosse resumida em sujeira e na “produção” de muitos filhos. Não é qualquer representação de homem e mulher pobres e beneficiários do PBF. Ela delimita questões relativas ao gênero (em especial às mulheres), à classe social, ao lugar ocupado na sociedade, reforçando relações de dominação.

Sendo assim perguntamos se é possível concluir que as charges analisadas são poderosos instrumentos ideológicos que reforçam hiper-representações da

imagem dos beneficiários do PBF e que trazem conteúdo ideológico negativo. Talvez sim, entretanto, é preciso lembrar que as charges também dizem de um contexto em que foram construídas, provavelmente por chargistas homens que vêm de uma classe social diferente daquela dos beneficiários do PBF. Neste sentido, talvez as beneficiárias tenham razão ao inferir que quem fez as charges desconhece a realidade do Bolsa Família.

Não podemos esquecer que estamos todos, chargistas, beneficiários, sociedade em geral, imersos em um sistema político e econômico, influenciado pela grande mídia e que tem interesse de manter o *status quo* e as relações de dominação. Desta forma, os chargistas, as charges, as beneficiárias e todos nós iremos também reproduzir o contexto social que vivemos, porém, é preciso dar-se conta, ou nas palavras de Guareschi (2012, p.134) ter “consciência, pois é ela que pode levar à liberdade e a responsabilidade (ação), o tripé da dignidade humana”.

Reforçamos a importância de trazer e interpretar questões que não foram evidenciadas na análise das beneficiárias como a imagem depreciativa das mulheres ou a diferença da imagem dos homens beneficiários comparados aos homens que ocupam o lugar de técnicos. A Psicologia Social Crítica ocupa-se justamente de mostrar aquilo que não é dito, o que é silenciado e que faz parte do fenômeno (Guareschi, 2012). É preciso entender a complexidade das relações sociais e denunciar as estratégias ideológicas utilizadas nestas imagens, as quais colaboram para fomentar práticas simbólicas que reforçam e perpetuam relações de dominação. Cabe à PSC a responsabilidade de trazer à tona aquilo que é legitimado, naturalizado e que contribui para a ocorrência de injustiças sociais. Analisamos apenas algumas charges relativas ao Programa Bolsa Família e, possivelmente, nem todas elas tenham conteúdo ideológico negativo. Contudo, é

urgente visibilizar os “deboches” e “verdades” que emergem destas charges para que outras imagens dos beneficiários do PBF possam circular.

Referências

Accorssi, A., & Scarparo, H. B. K. (2012). ‘Será que atirei pedra na cruz?’ Pobreza e identidades em tensão. *Textos & Contextos*, 11, 292-300. Recuperado em março 30, 2017, de <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/view/12251>

Accorssi, A., Scarparo, H. B. K., & Guareschi, P. A. (2012). O conceito de Pobreza: uma reflexão sobre os interesses do conhecimento. *Psicologia Argumento (PUCPR. Online)*, 30, 651-658. Recuperado em março 30, 2017, de <http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/pa?dd1=7471&dd99=view&dd98=pb>

Brasil. Palácio do Planalto. Presidência da República. (2004). Lei n. 10.836 de 09 de janeiro de 2004. Conversão da MPv n. 132 de 2003. Cria o Programa Bolsa Família e dá outras providências. *Casa Civil*, Brasília, DF, 09 jan. 2004. Recuperado em março 31, 2017, de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2004/lei/l10.836.htm.

Eger, T. J., & Damo, A. S. (2014). Money and Morality in the Bolsa Família. *Vibrant, Virtual Braz*, 11(1), 250-284. Recuperado em março 30, 2017 de <http://dx.doi.org/10.1590/S1809-43412014000100009>

Feijó, A. P. S., & Pires, A. (2015). A Frequência Escolar e a Educação a partir do ponto de vista das Beneficiárias do Programa Bolsa Família. *Revista eletrônica de Educação*, 9(1), 136-152. Recuperado em março 30, 2017 de <http://dx.doi.org/10.14244/19827199981>

Freire, V. R. B. P., Silva, S. S. C., Pontes, F. A. R., Borges, J. A. R. & Moura, M. L. S. (2013). Atividades acadêmicas na rotina de crianças ribeirinhas participantes do Programa Bolsa Família. *Psicologia: Teoria e Pesquisa (online)*, 29(2), 159-166. Recuperado em março 30, 2017 de <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722013000200005>.

Guareschi, P. A. (2012). *Psicologia Social Crítica: como prática de libertação (5a ed., rev. e ampl.)*. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS.

Guareschi, P. A. (2014). *Sociologia Crítica: alternativas de mudança (64 ed., rev. e ampl.)*. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS.

Guareschi, P. A., & Roso, A. (2014). A teoria das Representações Sociais – Sua história e seu Potencial Crítico e Transformador. In Chamon, E. M. Q. O., Guareschi, P. A., & Campos, P. H. F. (Orgs). . *Textos e Debates em Representação Social, 1*, 17-40. Porto Alegre, RS: APRAPSO.

Jodelet, D. (Org). (2001). *As Representações Sociais*. Rio de Janeiro, RJ: EdUERJ.

Jovchelovitch, S. (2004). Psicologia Social, Saber, Comunidade e Cultura. *Psicologia & Sociedade 16(2)*, 20-31.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE. (2017). Cidades, Rio Grande do Sul. Recuperado em março 31, 2017, de <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/uf.php?lang=&coduf=43&search=rio-grande-do-sul>

Zero Hora. (2017). Infográfico: veja em mapa os índices de violência de sua cidade. Recuperado em março 30, 2017, de <http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/policia/noticia/2017/01/infografico-veja-em-mapa-os-indices-de-violencia-na-sua-cidade-9608883.html>

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, IPEA (2013). Programa Bolsa Família: uma década de inclusão e cidadania. Campello, T. & Neri, M. C (orgs). Brasília: Ipea. Recuperado em março 30, 2017, de http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=20408

Marková, I. (2006) *Dialogicidade e Representações Sociais: as dinâmicas da mente*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Moreira, N. C., Ferreira, M. A. M., Lima, A. A. T. F. C., & Ckagnazaroff, I. B. (2012). Empoderamento das mulheres beneficiárias do Programa Bolsa Família na percepção dos agentes dos Centros de Referência de Assistência Social. *Revista de Administração Pública – RAP, 46(2)*. Recuperado em março 30, 2017, de <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-76122012000200004>

Moscovici, S. (2015). *Representações Sociais: investigações em psicologia social*, (11). Petrópolis, RJ: Vozes.

Oliveira, F. O. & Werba, G. C. (2009). Representações Sociais. In Strey, M. N., Jacques, M. G. C, Bernardes, N. M. G., Guareschi, P. A., Carlos, S. A. & Fonseca, T. M. G. *Psicologia Social Contemporânea: livro-texto*, (12), 104-117. Petrópolis, RJ: Vozes.

Pires, A. (2012). Orçamento familiar e Gênero: percepções do Programa Bolsa Família, *Cadernos de Pesquisa*, 42(145), 130-161.

Portal Brasil. (2016a). *Reajuste faz valor médio da Bolsa Família chegar a R\$176,00 em junho*. Recuperado em março 31, 2017, de <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2016/05/reajuste-faz-valor-medio-do-bolsa-familia-chegar-a-r-176-em-junho>

Portal Brasil (2016b). *Bolsa Família mudou o Brasil, faz bem à economia e está preservado, diz ministra*. Recuperado em março 31, 2017, de <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2016/01/bolsa-familia-esta-preservado-porque-mudou-o-pais-e-faz-bem-a-economia-diz-ministra>

Pragmatismo Político. (2016). *'Pente-fino' de Temer no Bolsa Família poder colocar Brasil no mapa da fome*. Recuperado em março 30, 2017, de <http://www.pragmatismopolitico.com.br/2016/05/pente-fino-de-temer-no-bolsa-familia-pode-colocar-brasil-no-mapa-da-fome.html>

Rego, W. L., & Pinzani, A. (2014). *Vozes do Bolsa Família: autonomia, dinheiro e cidadania*, 2. São Paulo, SP: Editora Unesp.

Romão, J. E., Cabral, I. E., Carrão, E. V. M. & Coelho, E. P. (2006). Círculo Epistemológico: círculo de cultura como metodologia de pesquisa, *Revista Educação e Sociedade*, 13, 173-195.

Roso, A. R. (2007). O cotidiano no campo da saúde: Ética e responsabilidade social. In Guareschi, P. A., & Veronese, M. (Orgs.), *Psicologia Social do Cotidiano – Representações Sociais em ação*, 1, 119-146. Rio de Janeiro, RJ: Vozes.

Santos, M. C. M., Gouveia Junior, A., Oliveira, P. R. M., Melo, D. R. M. & Souza, V. A. R. (2014). A voz do beneficiário: uma análise da eficácia do Programa Bolsa Família. *Revista de Administração Pública*, 48(6), 1381-1405. Recuperado em março 30, 2017, de <http://dx.doi.org/10.1590/0034-76121663>

Simões, P. & Soares, B. S. (2012). Efeitos do Programa Bolsa Família na fecundidade das beneficiárias. *Revista Brasileira de Economia*, 66(4), 445-468. Recuperado em março 30, 2017, de <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-71402012000400004>

Site Uol Notícias (2015). *Queda de natalidade é maior entre beneficiários do Bolsa Família, diz IBGE*. Recuperado em março 30, 2017, de <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2015/04/01/queda-de-natalidade-e-maior-entre-beneficiarios-do-bolsa-familia-diz-ibge.htm>

Thompson, J. B. (2011). *Ideologia e Cultura Moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação em massa*, 9. Petrópolis, RJ: Vozes.

Traldi, D. R. C., Almeida, L. M. M. C., & Ferrante, V. L. S. B. (2012). Repercussões do Programa Bolsa Família no município de Araraquara, SP: um olhar sobre a segurança alimentar e nutricional dos beneficiários, *Interações (Campo Grande)*, 13, 23-37. Recuperado em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-70122012000100003&lng=pt&nrm=iso.

MANUSCRITO 2 : Vamos falar sobre o Bolsa Família? A interlocução entre ensino, pesquisa e extensão⁷.

Let's talk about Bolsa Família? The dialogue among teaching, research and extension.

⁷ O manuscrito será encaminhado para avaliação à Revista Serviço Social e Sociedade. Normas disponíveis em: <http://www.scielo.br/revistas/ssoc/pinstruc.htm>

VAMOS FALAR SOBRE O BOLSA FAMÍLIA? A INTERLOCUÇÃO ENTRE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO.

LET'S TALK ABOUT BOLSA FAMÍLIA? THE DIALOGUE AMONG TEACHING, RESEARCH AND EXTENSION.

Resumo: Apresentamos uma experiência relativa a uma ação de extensão desenvolvida no contexto universitário, cuja finalidade foi problematizar o objeto “saúde” junto à comunidade que participou de uma feira das profissões. Especificamente desenvolvemos reflexões que concernem uma parte dessa experiência: atividades de estudos e produção de documentário sobre o PBF. Reafirmamos a importância da interdisciplinaridade e do uso do cinema documentário para trabalhar e repensar temas de interesse social.

Palavras-chave: Bolsa Família; educação; pesquisa; extensão; cinema documentário.

Abstract:

We present an experience related to an extension action developed in the university context with the purpose of problematizing the object "health" with the community participating in an open day event. More specifically, we developed reflections concerning parts of this experience: studies and documentary production activities about the BFP. We reassure the importance of using interdisciplinarity and documentary cinema to work and rethink social issues.

Keywords: Bolsa Família; education; research; extension; documentary cinema.

Vamos falar sobre o Bolsa Família? A interlocução entre ensino, pesquisa e extensão.

Ao se reportar à Educação, em especial às Universidades, a Constituição Federal de 1988 traz, em seu artigo 207, que as instituições de ensino superior obedecerão ao princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão (BRASIL, 1988). Isto quer dizer que a Universidade deve trabalhar para que o conhecimento produzido através de suas pesquisas e seus estudos ultrapassem os “muros” da instituição, a fim de chegar à comunidade de que faz parte, contribuindo para as mais diversas formas de desenvolvimento, como científico, social, tecnológico, cultural, artístico, filosófico. Dessa forma, os pilares “ensino-pesquisa-extensão” desenvolvidos nas instituições de ensino superior devem contribuir para a formulação, avaliação, concepção e desenvolvimento das políticas públicas, seja em âmbito local ou regional, ou mesmo – numa visão mais ampla – nacional.

Consonante com esta proposta, a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) traz, em seu regimento interno, diretrizes para o fomento de ações de ensino, pesquisa e extensão. No tocante à política de extensão da Instituição, deverá ser observada, entre outros aspectos, a previsão de processos para a discussão e a construção de políticas públicas voltadas às demandas da população e formas de disponibilizar para a sociedade novos meios e processos de transferência de conhecimento (UFSM, 2011).

Buscando atender estas questões, diversos projetos de pesquisa, de ensino e de extensão são desenvolvidos na Universidade. Dentre eles, objetivamos trazer um relato de experiência ligado ao projeto de extensão “Potencializando afetividade e crítica através da arte e da dialogicidade: das vidas invisíveis ou das invisibilidades do objeto saúde” nominado abreviadamente como projeto “Artes” ao qual o projeto de pesquisa de mestrado “Programa Bolsa Família, Representações Sociais e Charges na Internet” está vinculado. O projeto de extensão “Artes” foi registrado no gabinete de projetos do Centro de Ciências Sociais e Humanas (CCSH), sob o nº 040406 e faz parte de um projeto de pesquisa maior, o projeto guarda-chuva, denominado “Saberes, afeto e cultura material: experiências e vozes do consumo na era das conexões”, nominado abreviadamente como Projeto “Saberes”, o qual foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da UFSM, sob o CAAE 45518415.5.0000.5346. Estes projetos fazem parte dos estudos e pesquisas desenvolvidos pelos integrantes do grupo de pesquisa “Saúde, Minorias Sociais e Comunicação” (SMIC) da UFSM.

Tanto o projeto de pesquisa “Saberes”, quanto o projeto de extensão “Artes” e o projeto de dissertação “Programa Bolsa Família, Representações Sociais e Charges na Internet” sustentam-se na Psicologia Social Crítica (PSC), para a qual temas considerados polêmicos e com grande repercussão nas mídias interessam em especial. Sendo uma das vertentes da psicologia social, a PSC pretende mostrar aquilo que está explícito juntamente com o implícito, entendendo que tudo é incompleto, contraditório e que o oculto também faz parte da totalidade do fenômeno (GUARESCHI, 2012).

Em consonância com essa perspectiva, a Teoria das Representações Sociais (MOSCOVICI, 2015) mostra-se pertinente ao estudo em andamento. As representações sociais referem-se ao sistema de valores, noções, práticas e conhecimentos que orientam os indivíduos no contexto social e material, com a finalidade de tornar familiar o não familiar (MOSCOVICI, 2015). Por serem uma forma de conhecimento socialmente partilhada, as representações sociais integram-se e contribuem para a construção da realidade social.

O projeto de extensão “Artes” tem por finalidade articular a Psicologia Social Crítica e a arte para pensar o objeto ‘saúde’. Além de problematizar o objeto ‘saúde’, o projeto de extensão tinha como objetivo implementar a “Tenda da Expressão: Movimentando Arte e Saúde Popular”. Nesta tenda, mestrandos e estudantes de iniciação científica da Psicologia, Serviço Social, Comunicação Social, Letras e Artes envolvidos tiveram a oportunidade de apresentar seus projetos de pesquisa e implementar as técnicas e teorias aprendidas, via oficinas e exposições à comunidade, durante a Feira das Profissões da Universidade. Com isso, pretendeu-se reafirmar a importância da articulação entre ensino, pesquisa e extensão, potencializando a troca e a construção de saberes interdisciplinares e levando as pesquisas acadêmicas ao encontro da comunidade.

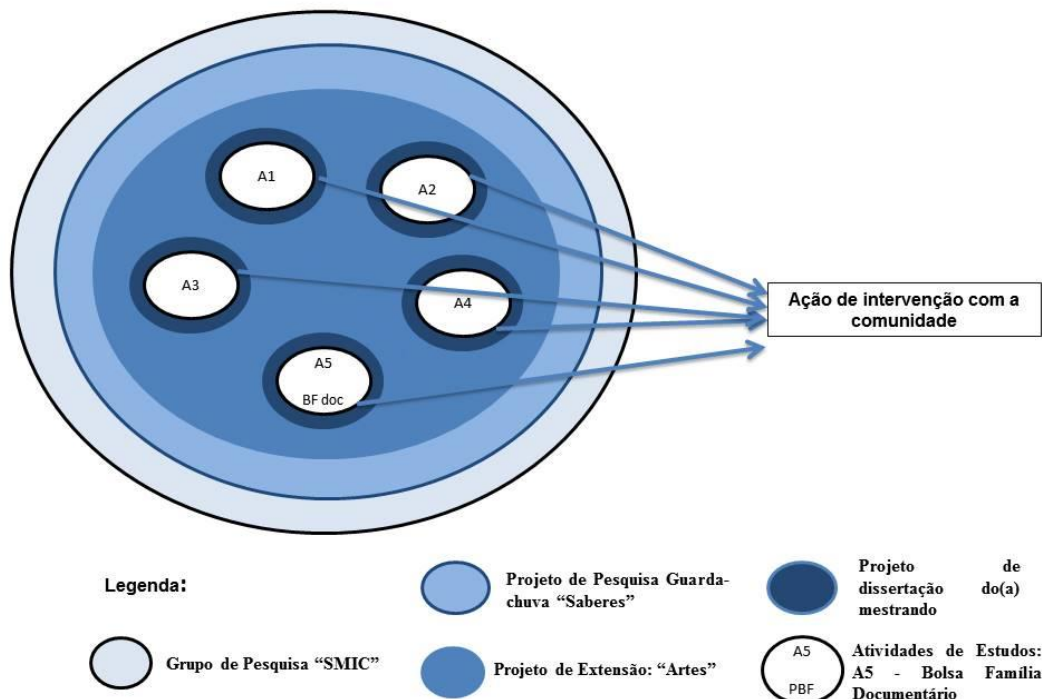
A fim de descrever as etapas do projeto de extensão, dividiremos este relato em três etapas, as quais ocorrem cronologicamente nesta ordem: (a) Estudando Bolsa Família e cinema, (b) Ensaaiando para o documentário, e (c) Apresentando a atividade de extensão.

Estudando Bolsa Família e cinema: preparação para a atividade de extensão com a comunidade e pesquisa de mestrado

Na primeira etapa do “Projeto Artes”, foram montadas 5 atividades de estudos que visavam a formação continuada dos estudantes que participaram do projeto. Apresentaremos uma delas, denominada “Bolsa Família Documentário”. As atividades consistiam em

encontros semanais de estudos, de uma hora cada, mediados pelos mestrandos, e práticas voltadas aos temas de investigação de cada projeto de dissertação. As atividades eram supervisionadas pela coordenadora do projeto e orientadora das dissertações de mestrado. Teve a duração de dois anos, sendo que o último ano foi dedicado à construção da produção artística.

Figura 1 – Diagrama da Atividade de Extensão



Na atividade “Bolsa Família Documentário” participaram 5 estudantes da graduação: 3 da Psicologia, sendo que dois deles também com formação em Letras, um do Serviço Social e uma da Comunicação. Estudamos Teoria das Representações Sociais, Ideologia, Programa Bolsa Família (PBF) e Saúde. Estudamos, ainda, intensamente sobre cinema, pois a arte escolhida para ser compartilhada com a comunidade na última etapa do projeto foi o cinema documentário.

Além dos textos, artigos, livros e materiais que foram lidos e discutidos, também assistimos e analisamos alguns documentários, como “Encontro com Milton Santos” (2006), “Ônibus 174” (2002) e alguns específicos sobre o Programa Bolsa Família, como “Severinas” (2013) e “Libertar - Relatos de Guaribanas do Bolsa Família” (2016). Nossa intenção era, além de estudar roteiro, edição, produção, montagem, trilha sonora, entrevista, etc., poder

visualizar estes conceitos nos filmes escolhidos. Não obstante, alguns filmes que consideramos interessantes serviram de modelo de documentário que desejávamos fazer e outros, porém, daquilo que não queríamos para o nosso filme. Ao final do primeiro ano, tivemos aproximadamente 30 encontros em dois semestres e o fortalecimento de um aporte teórico e empírico do grupo. As reflexões trazidas na atividade também acompanhavam a construção da pesquisa teórica do projeto de mestrado.

Chegado o segundo ano, era preciso colocar nosso aprendizado em prática. Tínhamos a tarefa de concretizar nosso desejo de gravar um documentário e de levar um pouco da nossa pesquisa para fora dos muros da universidade. Em outras palavras, de poder mostrar, dar um retorno à comunidade sobre o que estávamos pesquisando e produzir “afetação” em outros estudantes para além do grupo de pesquisa. Para tal, montamos um curso de extensão sobre documentário na psicologia. Dispúnhamos de 25 vagas e tivemos a procura de 41 estudantes, de diferentes áreas, interessados na temática. Ao final do curso, 18 vagas foram efetivamente preenchidas e 100% dos participantes avaliaram que o curso atingiu suas expectativas, alguns até tecendo elogios. A avaliação foi por escrito, sendo que foi aberto espaço, ao final do curso, para que os participantes pudessem se expressar sobre a experiência. Entre as solicitações, estavam de que realizássemos mais cursos/módulos sobre psicologia e cinema documentário, com maior carga horária, atividades práticas com a câmera filmadora e análise de filmes.

O curso foi ministrado pela mestranda com o auxílio dos estudantes de iniciação científica e da professora orientadora. Nele, potencializamos a ideia de que é possível aliar a produção de um filme com uma pesquisa acadêmica, aproximando a pesquisa em psicologia social e a produção de filmes documentários, no sentido de provocar questionamentos e reflexões e também compartilhar a pesquisa em andamento.

Ensaando para o Documentário: a hora de colocar o aprendizado em prática!

A psicologia e o cinema têm em comum diversos elementos. Entre muitos aspectos que poderíamos salientar, neste texto, nos interessa principalmente a ideia de cinema – em especial, o gênero documentário - como representação. Nesse sentido, a proposta de aliar a Teoria das Representações Sociais (TRS) de Moscovici (2015) com a produção de um documentário parece ser bastante pertinente.

Por meio de um filme podemos representar algo, seja uma realidade percebida e/ou imaginada/criada por seus autores. A película cinematográfica também é entendida como meio de representação quando veicula e impõe uma determinada visão histórica ou de mundo; dissemina e (re)produz ideologias e a cultura hegemônica; manipula agentes sociais ligados ao poder instituído e serve como instrumento de manutenção das relações de poder desiguais e de dominação (BARROS, 2012).

Nichols (2016) nos alerta que, ainda que existam os processos de filmagem, edição, montagem do roteiro de um documentário, este tipo de filme consegue nos oferecer uma representação de mundo que nos é familiar. Isso acontece devido à capacidade dos dispositivos de imagem e som de capturar situações e acontecimentos com notável fidelidade, sendo que as pessoas, as situações, os acontecimentos, lugares que são mostrados podem facilmente ser identificados também fora das telas do cinema (NICHOLS, 2016). Nesse sentido, a TRS e o documentário participativo têm muito em comum. Ambos trabalham com a noção de realidade, buscando nossa identificação com o enredo através da representação daquilo que nos é familiar.

Voltando à nossa experiência, ainda no primeiro semestre de 2016, procuramos a reitoria da Universidade para falarmos sobre a viabilidade da gravação, edição, montagem e finalização do documentário com o aparato técnico e pessoal da TV Universitária. Ainda que tivéssemos muita vontade e alguns estudos e experiência na área do cinema⁸, não dispúnhamos de equipamentos adequados, como câmeras filmadoras profissionais, luzes, microfones, ilhas de edição e profissionais capacitados para o uso destes equipamentos. Também não tínhamos nenhum tipo de financiamento que nos assegurasse a contratação de uma equipe profissional para a realização do filme, até porque entendíamos que isso descaracterizaria nossa pesquisa. Conversamos com a Reitoria da Universidade e recebemos o apoio institucional necessário para garantir o empréstimo de equipamentos e a concessão de profissionais para a realização do documentário. Esse era nosso primeiro passo em busca da concretização do documentário sobre o Programa Bolsa Família⁹.

Decidimos então realizar um ensaio - ou uma espécie de piloto - de como seria uma parte do nosso documentário. Usamos nossas câmeras fotográficas e filmadoras amadoras, construímos um minirroteiro de perguntas disparadoras, iniciando com “o que vem na cabeça

⁸ A primeira autora deste relato de experiência já teve a oportunidade de gravar três documentários, tendo sido diretora em dois curtas-metragens “O que é Lixo?” (2007) e “Catando significados: o lixo e seus significantes” (2008). Também ajudou a produzir o documentário de longa metragem “Câncer - sem medo da palavra” de Luiz Alberto Cassol (2009).

⁹ O documentário será apresentado oportunamente em outro contexto.

quando você ouve falar em Bolsa Família?”. Saímos, então, com a intenção de nos familiarizarmos com o processo de construção do nosso documentário. Esta foi nossa primeira ação de extensão para fora dos “muros” da universidade.

Um dos primeiros passos para a execução do ensaio foi a discussão do estilo de documentário que buscávamos fazer. Para isso, nos baseamos em estudos sobre cinema documental que haviam sido realizados no primeiro ano, como parte das atividades preparatórias. Inspiramo-nos na definição de Nichols (2016) de documentário participativo que enfatiza a interação do(s) cineasta(s) com os sujeitos que participam de suas filmagens

Optamos por não ter um roteiro fechado, para conferir flexibilidade e abertura à nossa produção. A escolha do estilo do documentário é de bastante importância, pois é ele quem dará os tons e contornos ao filme, juntamente com a edição. O estilo diz muito sobre o filme e sobre a visão de mundo dos produtores, situando-os em relação aos participantes em posições mais ou menos verticais.

Precisávamos estabelecer, sem rigidez, um tipo de organização que fosse coerente com a nossa proposta e nos desse um norte de produção para gravar as cenas e para os diálogos que gostaríamos de estabelecer. Decidimos, portanto, fugir do documentário nos moldes de entrevista jornalística e optamos por gravar conversas informais, abrindo espaço para que os participantes pudessem falar o que lhes viesse à cabeça, com o mínimo de julgamentos e direcionamentos possível. Por isso, escolhemos gravar em algum local público, ao ar livre, onde pudessemos abordar as pessoas de maneira informal e mais próxima. Buscamos estar no campo de filmagem não como pesquisadores que ‘extraem’ informações de seu objeto de pesquisa ou como autoridades no assunto do PBF, mas sim como pessoas curiosas para ouvir o que outras pessoas pensam sobre este assunto de maneira aberta, instigando-as a refletir por meio de perguntas que fossem adiante no pensamento expresso por cada uma sobre as representações do programa.

É importante ressaltar que o processo de construção prévia às primeiras filmagens não foi nada linear. Houve uma série de eventos que precisamos contornar para que a proposta se mantivesse, como por exemplo, dias chuvosos e a votação pelo *impeachment* da então presidenta Dilma Rousseff. Escolhemos um domingo de sol e uma praça no centro da cidade Santa Maria. Este lugar é caracterizado por ser um dos pontos de encontros de estudantes e famílias, principalmente residentes da região central. Naquele momento, éramos cinco pessoas: três estudantes de iniciação científica, uma mestranda e a professora orientadora. A maioria destes com pouca ou quase nenhuma experiência na produção de filmes, mas todos

com o desejo em comum de provocar questionamentos e reflexões sobre a pesquisa e transformá-los em um documentário. Com duas câmeras, saímos para conversar com as pessoas e tentar compreender que representações do PBF estavam “na boca do povo”, como relatado por uma das participantes.

Foto1: integrantes da Atividade Bolsa Família Documentário durante a gravação do piloto:



Conversamos com aproximadamente 25 pessoas; cinco aceitaram participar da filmagem. Nossa abordagem prévia à filmagem era bastante intuitiva: nos aproximávamos de alguém ou algum grupo no local, nos apresentávamos como estudantes de Psicologia e professora e dizíamos que estávamos estudando o PBF. Percebemos que o nome do Programa já suscitava várias questões nas pessoas com quem conversamos. Com poucas exceções, todos tinham algo a dizer sobre o programa, emitindo suas opiniões e argumentos prontamente. Entretanto, quando propúnhamos ligar a câmera e gravar a conversa, a maioria optava por não aceitar. Entre os argumentos para não gravar estavam expressões como: “se fosse outro assunto eu até gravaria”; “do jeito que tá o país, não dá pra falar sobre isso não”, “não me sinto à vontade de falar sobre isso para uma câmera, seria preciso me preparar melhor”, entre outros. Entre os relatos que escutamos, muitos faziam referências negativas ao programa. Em comum, a maioria das pessoas dizia não conhecer ninguém que recebesse Bolsa Família e que as informações sobre o programa era obtidas através dos meios de comunicação, em especial televisão, rádio, jornal e internet.

Ao todo, dispomos de 1h, 50min e 21s de gravação em duas câmeras.. Deste material, produzimos um vídeo de aproximadamente 5 minutos, denominado “Treinando para o

Documentário”, no qual fizeram parte tanto nós da equipe de pesquisa – com nossos erros e acertos na filmagem, edição e montagem do mesmo - e as pessoas entrevistadas. Divulgamos este material em um seminário integrador do Grupo de Pesquisa (GP), no curso de extensão de documentário na psicologia e na Feira das Profissões da nossa universidade, quando tivemos um espaço para divulgar os trabalhos realizados pelo GP.

Apresentando a atividade de extensão: a Feira das Profissões da Universidade.

Após um ano e meio de encontros semanais de estudos, a gravação do “Treinando para o Documentário” e a realização do curso de extensão sobre documentário na psicologia, havia chegado o momento de concretizarmos o segundo objetivo do projeto de extensão: a “Tenda da Expressão: Movimentando Arte e Saúde Popular”. Nossa intenção era de levar à comunidade um pouco do que a psicologia, em especial, nosso grupo de pesquisa estava estudando. Conseguimos aprovação do projeto e autorização para montarmos uma Tenda no evento anual da Universidade que tem por finalidade apresentar os diversos cursos de graduação disponíveis à comunidade, com foco especial nos estudantes secundaristas de toda cidade e do estado do Rio Grande do Sul.

Neste evento, realizado em setembro de 2016, tivemos a oportunidade de exibir o Ensaio “Treinando para o documentário”, além de conversar com as pessoas sobre as temáticas que estávamos estudando. Montamos a tenda com uma espécie de *tour* em que as pessoas eram convidadas a participar em diferentes atividades. Apresentaremos três dessas atividades, as quais se referem diretamente à pesquisa de mestrado “Programa Bolsa Família, Representações Sociais e Charges na Internet”.

A primeira consistiu em convidar as pessoas a abrirem duas bolsas que continham as seguintes perguntas: “O que você compraria se recebesse R\$ 200,00 a mais por mês?” e “O que você compraria se recebesse apenas R\$ 200,00 e nada mais por mês?”. Estas perguntas eram feitas uma a uma, em sequência, e suas respostas depositadas nas próprias bolsas. O valor remetia a uma média aproximada do que as famílias beneficiárias do Programa Bolsa Família recebem por mês. De diversas pessoas que passaram pelo local e conversaram conosco, participaram da nossa atividade 110 pessoas.

Foto 2: participantes abrindo as ‘Bolsas’ na Tenda de Expressão e Afetos do Descubra UFSM



A segunda refere-se à sequência de mitos e fatos sobre o PBF. As pessoas eram convidadas a retirar um mito dentro de uma caixinha e falar sobre ele e, posteriormente, retirar um fato de outra caixinha. Essa atividade possibilitou a reflexão e desconstrução de alguns preconceitos, em especial de pessoas que estavam abertas ao diálogo. Nossa intenção não era, de maneira alguma, fazer uma ‘defesa’ ao programa ou ao partido que o implementou. Muito pelo contrário, queríamos ouvir o que as pessoas tinham a dizer sobre o assunto e principalmente provocar a reflexão e apontar algumas contradições que percebíamos nas falas, como por exemplo, quando se falava que “Bolsa Família é para criar vagabundos” (mito), trazíamos os dados do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, atualmente Ministério do Desenvolvimento Social e Agrário com o valor médio e mensal que as famílias recebem pelo PBF (fato). A terceira atividade consistiu na apresentação do ensaio do documentário que já abordamos anteriormente.

Acreditamos ter sido a atividade das Bolsas a que mais sensibilizou os participantes. Além de provocar reflexões críticas, muitas pessoas relataram dar-se conta de que era impossível viver com apenas R\$ 200,00 e ainda sustentar uma família. Muitos dos participantes descreveram uma experiência de alteridade e um sentimento de empatia, possivelmente repensando e até desconstruindo ideias que pareciam enraizadas. Quando questionávamos sobre o que comprariam com R\$ 200,00 a mais, a maioria das respostas trouxe itens de vestuário, roupas, viagens e lazer. Entretanto, quando se deparavam em formular a resposta para o que fazer com apenas R\$ 200,00 e nada mais, a imensa maioria

respondeu que compraria somente comida, sendo que muitas respostas indicaram que seria impossível e inimaginável viver apenas com este valor.

As pessoas que participaram desta atividade, em sua maioria, demonstraram estar abertas ao diálogo e à reflexão, que eram os objetivos que tínhamos. Pudemos perceber que ao proporcionarmos uma experiência – ainda que pequena e parcial – sobre como seria estar no lugar de uma família que sobrevive com um valor financeiro significativamente menor do que vivem as pessoas que tiveram oportunidade de responder, pudemos sensibilizar os participantes. Muitos deles relataram que já haviam feito comentários considerados preconceituosos simplesmente por desconhecer várias informações sobre o programa, em especial, o valor médio de que cada família recebe.

Considerações finais: Algumas reflexões acerca de como é falar/pesquisar sobre o Programa Bolsa Família e gravar o documentário

O projeto de extensão “Artes”, objeto deste relato, atendeu aos objetivos propostos, que eram problematizar o objeto ‘saúde’ através da arte e da dialogicidade e, ainda, de implementar a tenda de expressões e afetos. Também, podemos afirmar que a articulação entre pesquisa, ensino e extensão se efetivou.

Acerca do tema de pesquisa – o Programa Bolsa Família – quando perguntado a pessoas que não são beneficiárias do mesmo, parece evocar ideias (ideológicas) e representações de cunho negativo. Talvez o momento social e político do país esteja contribuindo para isso e as pessoas não se sentem à vontade para discorrer sobre esse assunto. O que podemos perceber é que há muitas informações distorcidas e falsas sobre o PBF evidenciadas nos discursos que escutamos, sugerindo a necessidade de realizar novas pesquisas que propiciem o aprofundamento da temática.

Todas essas atividades relacionadas ao projeto de extensão nos possibilitaram vivenciar importantes experiências que certamente contribuíram para aprimorar o tema de pesquisa e (re)pensar sobre qual será nossa estratégia de filmagem do documentário. Montamos, durante o ano de 2016, um pré-roteiro daquilo que pretendíamos abordar no documentário. Estudamos bastante, conversamos com muitas pessoas e acumulamos experiência significativa que nos possibilita colocar em prática a construção do cinema documentário. Ainda que tenhamos o apoio institucional da Universidade, sabemos que ao concretizar nosso objetivo de gravação do documentário encontraremos muitas dificuldades.

E não estamos falando apenas em questões orçamentárias ou de aparato técnico, mas também de conseguir pessoas que estejam dispostas a falar sobre o assunto diante de uma câmera.

Nossa experiência no projeto de extensão nos mostrou que as pessoas sempre têm alguma coisa a falar sobre o PBF, seja em suas rodas de conversa informais ou até mesmo em suas redes sociais, quando presenciamos diversas charges e postagens sobre o assunto. Mas o que faz com que, quando confrontadas a dialogar com a câmera e a equipe de filmagem muitas pessoas não queiram ‘se expor’? Este consiste em mais um desafio aos pesquisadores: criar condições para que as críticas aflorem, afinal as representações se movimentam no diálogo.

Mas eles não têm só “alguma coisa para falar”, eles também têm a perguntar. Ao serem confrontados com a pergunta dos pesquisadores, eles mesmos perguntam “Mas e tu, o que pensa?”. A pergunta de volta desacomodava nosso lugar de pesquisadores, provocando as nossas representações serem postas à prova. Responder ou não responder, como responder, foi mais um desafio.

Tendo em vista as diversas questões sociais que nos rodeiam e o interesse da psicologia em poder discuti-las e repensá-las, o cinema documentário apresenta-se como um instrumento interessante, acessível e capaz de (re)produzir saberes. Com seu potencial questionador, o cinema documentário pode trazer consigo algumas possibilidades de construir discursos alternativos e críticos. Ademais, a possibilidade de compartilhar a pesquisa em curso é muito maior através do documentário, pois poderá alcançar um número mais expressivo e diverso de pessoas, pelo acesso às plataformas virtuais ou por sessões de cinema e debate.

Reforçamos a ideia de pensar o cinema documentário como um tipo de arte com potencial importante para trabalhar e (re)pensar os fenômenos e as relações sociais por meio da Psicologia Social Crítica e da Teoria das Representações Sociais. Em especial, as questões consideradas ‘mais polêmicas’, pois são justamente essas que necessitamos ouvir, dialogar, aprofundar nossos conhecimentos e principalmente refletir, com vistas a mudanças de ponto de vista e desconstrução de preconceitos, relações dominação e sistemas ideológicos que perpetuam e (re)produzem desigualdades sociais em nosso país.

Desta forma, entendemos a imprescindibilidade da(s) teoria(s) para que possamos compreender melhor nosso objeto de estudo, bem como nos qualificarmos, a fim de desenvolver ações de intervenção com a comunidade. Assim sendo, é preciso ler, estudar,

pesquisar, produzir, escrever, a fim de manter os pilares ‘ensino-pesquisa-extensão’ da educação de nível superior.

Reafirmamos também a importância do trabalho interdisciplinar, o compartilhamento de saberes de diversas áreas como o cinema, a comunicação, o serviço social, a sociologia, a saúde para entendermos com maior profundidade o nosso objeto de estudo. Entendemos que todo o conhecimento é parcial e incompleto, por isso, quando nos aliamos e permitimos conhecer os outros saberes, é fundamental articular ensino, pesquisa e extensão para enriquecemos nossas propostas de investigação e estudo.

Referências

BARROS, J. d’A. Cinema e história: entre expressões e representações, pp.55-105. IN: NÓVOA, J.; BARROS, J. D’A. (orgs.). **Cinema-História. Teoria e representações sociais no cinema**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2012.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm Acesso em: 30 mar. 2017.

GUARESCHI, P. **Psicologia Social Crítica: como prática de libertação**. 5ª ed. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2012.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Editado em inglês por Gerard Duveen; traduzido do inglês por Pedrinho Guareschi. 11.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

NICHOLS, B. **Introdução ao documentário**. Tradução Mônica Saddy Martins. 6.ed. Campinas, SP: Papyrus, 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. **Regimento Geral da Universidade Federal de Santa Maria**. Aprovado pelo Parecer 031/2011 da Comissão de Legislação e Regimentos – CLR, do Conselho Universitário, Sessão 722ª de 15 de abril de 2011 e RESOLUÇÃO N. 006/2011, de 28 abril de 2011. Santa Maria, 2011. Disponível em

<http://site.ufsm.br/arquivos/uploaded/arquivos/7a09d209-53a6-49a7-90c7-b99c7d82c16b.pdf>

Acesso em: 30 mar. 2017.

Filmes citados:

Câncer – Sem medo da palavra. Direção: Luiz Alberto Cassol. Brasil: Finish Produtora, 2009. 1 DVD (70 min), son., color.

Catando Significados: o lixo e seus significantes. Direção: Daiana Schneider Vieira. Brasil: Centro Universitário Franciscano (UNIFRA), 2008. 1 DVD (13 min 13s), son., color.

Encontro com Milton Santos ou o Mundo Global visto do lado de cá. Direção de Silvio Tandler. Rio de Janeiro: Caliban Imagens Cinematográficas, 2006. 1 DVD (89 min), son., color.

Libertar - Relatos de Guaribanas do Bolsa Família. Direção: Catharina Obeid, Manuela Rached Pereira e Renato Bonfim. São Paulo: Curso de Jornalismo ESPM, 2016. 1 filme (25min 03seg), son., color, vídeo. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=RTSXuuSeNV0>. Acesso em: 10 jan. 2017.

Ônibus 174. Direção: José Padilha. Brasil: Zazen Produções, 2002. 1 DVD (128min), son., color.

O que é Lixo? Direção: Daiana Schneider Vieira. Brasil: Centro Universitário Franciscano (UNIFRA), 2007. 1 DVD (10 min), son., color.

Severinas. Direção: Elisa Capai. Agência Pública, 2013. 1 filme (10min), son., color, vídeo. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=lz9BPoIpsl0>. Acesso em: 10 jan. 2017.

DISCUSSÃO

A dissertação aqui apresentada foi composta por dois manuscritos (artigos) que falam sobre nosso tema de investigação: a construção de saberes referentes ao Programa Bolsa Família, em outras palavras, as representações sociais do PBF. Ambos sustentam-se na perspectiva epistemológica de uma psicologia que faz crítica ao social, denominada por Guareschi (2012) como Psicologia Social Crítica, e pela Teoria das Representações Sociais (TRS), de Serge Moscovici (2015).

O primeiro manuscrito (artigo) é fruto da pesquisa empírica realizada com um grupo de mulheres beneficiárias do Programa Bolsa Família que teve por tarefa analisar as charges do programa, veiculadas na internet. Além da perspectiva teórica da PSC e da TRS, também trabalha com os operadores teóricos ideologia no sentido crítico (THOMPSON, 2011; GUARESCHI, 2012) e com as hiper-representações (JOVCHELOVITCH, 2004). Estes mesmos operadores teóricos, ainda que não trabalhados no artigo do relato de experiência, também se fizeram presentes em todos os momentos que tivemos oportunidade de conversar com as pessoas sobre nosso objeto de estudo, durante a realização das atividades do projeto de extensão.

O segundo artigo consiste em um breve relato de experiência do projeto de extensão “Potencializando afetividade e crítica através da arte e da dialogicidade: das vidas invisíveis ou das invisibilidades do objeto saúde” ao qual nossa dissertação está vinculada. O projeto de extensão, assim como nossa dissertação, também trabalhou a partir da Psicologia Social Crítica e da Teoria das Representações Sociais, porém incluiu outros operadores teóricos como a afetividade e a dialogicidade, além da proposta de pensar as questões relativas ao objeto “saúde” a partir das mais variadas formas de arte. No caso do nosso projeto, escolhemos o cinema documentário para, junto da temática das representações sociais do Programa Bolsa Família, potencializarmos a crítica, trazendo questionamentos e tensionando possíveis posicionamentos carregados de hiper-representações acerca do Bolsa Família.

A ideia do primeiro artigo foi trazer a compreensão das mulheres beneficiárias acerca das charges sobre o programa que circulavam na internet, em especial nas redes sociais. Nossa intenção era analisar se havia ou não identificação destas mulheres com os conteúdos das charges - que considerávamos discriminatórias, sexistas, machistas, preconceituosas, xenófobas e racistas – as quais as mulheres se quer tinham conhecimento, visto que nas

vivências delas não havia (ainda) este mundo cibermediático ao qual, muitos de nós, estamos acostumados a vivenciar.

Desta forma, percebíamos que havia uma (re)produção de saberes e um discurso muito forte acerca do PBF na internet, em especial nas redes sociais, e desejávamos saber se este discurso também estava presente nas vivências daqueles que são a razão da existência do Programa Bolsa Família: as famílias consideradas pobres e extremamente pobres no Brasil. Ao realizarmos os círculos epistemológicos, pudemos concluir que não houve identificação do conteúdo das charges com as vivências das mulheres que participaram da pesquisa e que, nas situações em que foi possível alguma identificação, esta ocorreu por situações veiculadas em outros locais do país que as beneficiárias conheciam através dos meios de comunicação em massa, em especial a televisão, objeto presente na casa de todas elas e que foi referido em muitos momentos durante a pesquisa. Além disso, foi possível evidenciar que há – ainda - um distanciamento muito grande entre o conteúdo que circula nas mais diversas mídias sobre o PBF - as regras e o funcionamento do programa - com as reais vivências daqueles que são beneficiários do mesmo.

O segundo artigo traz o relato de experiência do projeto de extensão “Artes” que caminhou, concomitantemente durante todo o percurso de mestrado e contribuiu significativamente para que pudéssemos, por muitas vezes, (re)pensar nosso objeto de estudo. Através das atividades deste projeto (e.g. conversas na rua e no Descubra/UFMS sobre o PBF, a gravação do piloto do documentário, o curso de extensão em cinema, as leituras e materiais utilizados nos encontros com os estudantes de iniciação científica) pudemos perceber que os conteúdos das charges estavam presentes também nos discursos das pessoas com as quais pudemos dialogar. A maioria destas pessoas possuía uma visão negativa sobre o PBF, calcada em informações difundidas na mídia, as quais traziam hiper-representações de caráter ideológico negativo sobre o programa. Ademais, grande parte destas pessoas dizia não conhecer a fundo o funcionamento do programa e nem conhecer beneficiários do mesmo. Nas situações em que a pessoa entrevistada conhecia alguém que recebesse o PBF, era notável a diferença de opinião, a qual ainda que viesse permeada de críticas ou elogios ao programa, trazia bem menos preconceitos e hiper-representações sobre o mesmo.

Assim, os dois artigos complementam-se e permitem que possamos analisar algumas das diferentes representações sociais que compõem e constroem os sentidos e significados do PBF presentes nos discursos das beneficiárias, nos discursos daqueles que, de uma forma ou outra, participaram das atividades do projeto de extensão e nos discursos das charges do PBF

veiculadas na internet. É importante considerar que não fizemos uma pesquisa sobre as “representações sociais do Programa Bolsa Família”, pois entendemos que são tantas e tão diversas que seria muito difícil abarcá-las, mas que utilizamos a abordagem da TRS para entender melhor nosso objeto de estudo. Com isso, o objetivo principal desta dissertação de identificar e problematizar os saberes construídos em relação ao Programa Bolsa Família, através da abordagem da Teoria das Representações Sociais foi atingido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste momento em que se encerra mais um ciclo em minha trajetória acadêmica, profissional e pessoal com a conclusão do mestrado, faz-se necessário olhar para trás e retomar algumas questões presentes neste processo. Primeiramente, fora Temer! Esta frase tantas vezes dita e repetida em diversos locais que frequento, certamente marcou minha trajetória.

Como já referido na introdução, as questões sociais, políticas e econômicas que aconteceram no país durante estes dois anos influenciaram meu percurso de pesquisa. Houve momentos em que foi preciso se retirar e aguardar, em especial, quando queríamos sair às ruas para conversar com as pessoas sobre o Programa Bolsa Família e iniciar nosso piloto do documentário. Nosso objeto de estudo esteve e permanece presente em diversos espaços midiáticos, bem como em rodas de conversa, promovendo – ou não – debates sobre o assunto. O tema Bolsa Família ainda é considerado polêmico no Brasil, vide os discursos analisados nesta dissertação, refletidas na quantidade de hiper-representações e de ideologias negativas, que ao circularem perpetuam e legitimam a imagem da pobreza, naturalizando o “pobre”, em especial o “beneficiário do PBF” como aquele que é “vagabundo” (não quer trabalhar) e sobrevive “às custas do governo”, “procriando e aumentando a quantidade de filhos” para aumentar o valor do PBF.

Nesse sentido, a Psicologia Social Crítica (GUARESCHI, 2012) e a Teoria das Representações Sociais (MOSCOVICI, 2015) se mostraram muito pertinentes e contemplaram àquilo que nos propomos a investigar nesta dissertação: a (re)construção de saberes acerca do Programa Bolsa Família. Também se mostraram muito pertinentes os operadores teóricos da ideologia no sentido crítico (THOMPSON, 2011; GUARESCHI, 2012) e das hiper-representações (JOVCHELOVITCH, 2004), as quais ficaram evidenciadas em diversos momentos da nossa pesquisa, tanto nas charges, quanto nos discursos das pessoas que tivemos a oportunidade de dialogar.

Da mesma forma, os métodos utilizados para a construção dos artigos, a saber: os círculos epistemológicos (ROMÃO et al., 2006) proposta metodológica sugerida pela professora Aline Accorssi, durante a banca de qualificação, também se mostrou pertinente e adequado ao tema e aos objetivos da pesquisa; outrossim, o relato de experiência do projeto

“Artes” contribuiu para dar visibilidade ao processo de pesquisar, entretecido de vários obstáculos e superações e que traz aqui um pouco de seus resultados.

Será preciso trabalhar mais ainda em muitos aspectos que surgiram durante a pesquisa e que não foi possível dar conta durante estes dois anos de mestrado. Como exemplos, trazemos o nosso desejo de gravar um documentário sobre o Programa Bolsa Família, algo que faz parte dos nossos objetivos dentro do projeto de extensão “Artes” e que está previsto para acontecer após a defesa desta dissertação. Além disso, temos materiais teóricos que pretendemos escrever artigos de revisão bibliográfica sobre temas que suscitam nosso interesse e que também foram falados, mas não aprofundados na pesquisa: como uso do dinheiro do Bolsa Família, o cumprimento das condicionalidades do programa e as questões de gênero, envolvendo as mulheres beneficiárias do PBF. Estes materiais serão trabalhados a posteriori, com a continuidade desta pesquisa de dissertação, ainda que de maneira informal.

O percurso de pesquisar e conseqüentemente tornar-se mestre foi bastante intenso. Não apenas pelas questões sociais, políticas e econômicas que, já referimos, mudaram nosso país e interviam no nosso objeto de estudo, mas também pelas questões pessoais e experiências que o mestrado me proporcionou. Inicialmente o desafio foi o de conciliar trabalho e estudo, sendo o trabalho em uma cidade distante 110 km da qual resido e faço mestrado. Não foi fácil. Em alguns momentos, imaginava que o cansaço e rotina intensa poderiam me abater. Em outros, apesar de cansada, tinha no mestrado, nas aulas e nas leituras e materiais de pesquisa o “oxigênio” que precisava para retornar, no outro dia, em meu ambiente de trabalho e encarar as mais diversas iniquidades sociais, expressas em situações de violação de direitos das famílias atendidas no CREAS.

Para além da ‘ginástica’ de conciliar horários de aulas, trabalho, viagens, vida pessoal foi preciso também lidar com a “síndrome do livro em branco” a qual Zanella (2013) faz referência ao processo de criação na escrita e na pesquisa que, por vezes, pode ser angustiante, paralisante, cheio de imprevistos que precisamos lidar. Comigo não foi diferente. Houve momentos em que a escrita não fluía, não deslanchava e isso, realmente era bastante angustiante. Essa angústia é explicada por Zanella (2013) ao nos darmos conta que, no processo de escrever:

“há muito o que considerar, seja na relação ao que se quer dizer, ao que se pretende que seja lido, aos muitos outros que considera como leitores potenciais, a si mesmo como outro dessa escrita que se cria no processo de sua própria tessitura e que (re)cria, no emaranhado de palavras a se entrelaçar, seu próprio autor”(ZANELLA, 2013, p. 114).

Assim como Zanella (2013) também entendo que escrever é (re)criar-se. O processo de escrita, refletido no estudo aqui proposto, contribuiu de maneira significativa na minha formação acadêmica, profissional, mas também pessoal. A partir dele, consigo perceber outros elementos, que até então, talvez não fossem tão evidentes para mim. Como exemplo, cito as hiper-representações e as diversas formas simbólicas que compõem e sustentam relações de dominação, a partir do aparato ideológico mantidos, especialmente, pelas mais diversas mídias e seus interesses em manter o status quo. Terminei o percurso de mestrado mais crítica e sensível às questões que há muito me tocam, como a pobreza e as desigualdades sociais. Espero que este incômodo que me toca, possa também afetar aos possíveis leitores da minha dissertação e dos artigos, a fim de que, quando se deparar com uma notícia, charge, informação ou ‘causo’ sobre o Bolsa Família, ou qualquer outro assunto de relevância social, exista a possibilidade de questionamento destas informações, muitas vezes tomadas como ‘verdades’.

A trajetória de mestrado também foi marcada por muitos momentos bons e aprendizagens significativas. Entre eles, destaco os encontros de sexta-feira do grupo de pesquisa “Saúde, Minorias Sociais e Comunicação” (SMIC) que trouxeram – além das relações de afeto construídas – a discussão e o aprofundamento teórico necessário às perspectivas epistemológicas que sustentaram este estudo. É preciso destacar também a significativa contribuição que o grupo de estudantes de iniciação científica, vinculados ao projeto de extensão “Artes” teve neste percurso. Bem mais que um grupo de estudantes que se reunia para discutir textos e materiais sobre o Programa Bolsa Família, tive sujeitos que se envolveram com meu objeto de estudo; que investiram na proposta do projeto de extensão, ‘abraçando’ junto comigo a ideia de fazer o documentário (que pode ser concretizada por enquanto apenas em seu piloto); que não mediram esforços para realizar o curso de extensão de documentário e para estar conosco durante a Tenda de Expressão e Afetos do Descubra/UFSM; que com seus questionamentos e pontos de vista, contribuíram para que nossa pesquisa chegasse aos resultados que desejávamos; que estiveram juntos, presentes.

Outro ponto importante neste percurso de tornar-se mestre foram as experiências docentes que me foram oportunizadas. As disciplinas de “Pesquisa em Psicologia”, “Trabalho de Conclusão de Curso” (I e II), o curso de extensão “Documentário na Psicologia”, o curso de extensão “Caminhos ao empoderamento de mulheres” e a disciplina optativa de “Cinema, Representações Sociais e Direitos Sexuais e Reprodutivos” contribuíram não somente para

aprimorar minha prática docente, quanto para me fazer olhar para mim mesma e perceber o quanto desejo seguir o caminho da docência. Além disso, as reflexões postas em aulas me fizeram trazer questionamentos e repensar muitas de minhas práticas e vivências, contribuindo também para a desconstrução de preconceitos, tornando-me alguém melhor.

Voltando ao meu objeto de estudo, considero que a pesquisa atingiu aos objetivos que se propôs e, de certa forma, também respondeu aos meus questionamentos anteriores a execução dela. De alguma forma eu já imaginava que os discursos das charges (e das mídias) não iria trazer identificações com as mulheres beneficiárias. Talvez por estar muito próxima das vivências delas, em meu ambiente de trabalho, conseguia identificar uma distância muito grande, entre aquilo que circula nas mais diversas mídias sobre o PBF e aquilo que realmente acontece.

Neste sentido, reiteramos a importância de trabalhar temas de relevância social como este, sob a perspectiva da Psicologia Social Crítica, mostrando aquilo que está aí, juntamente com o que não está aí, entendendo que tudo é incompleto e que contém suas contradições (GUARESCHI, 2012), sendo o nosso papel, enquanto psicólogos sociais, trazer a tona àquilo que está oculto visando compreender melhor o fenômeno estudado. Ademais sugerimos mais estudos sobre o Bolsa Família tanto no campo das Representações Sociais quanto na Psicologia Social Crítica.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, A. Teoria das Representações Sociais e Teoria de Gênero. In: **Cadernos de Pesquisa**: n. 117, p. 127-147, nov. 2002.

BONAVITTA, P.; DE GARAY HERNANDEZ, J. De estereotipos, violencia y sexismo: la construcción de las mujeres en los medios mexicanos y argentinos. **Anagramas: rumbos y sentidos de la comunicación**. Medellín, v. 9, n. 18, jun. 2011. Disponível em http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1692-25222011000100002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 26 set. 2015.

BRASIL, **Lei n. 10.836 de 09 de janeiro de 2004**. Conversão da MPv n. 132 de 2003. Cria o Programa Bolsa Família e dá outras providências. Palácio do Planalto. Presidência da República. Casa Civil, Brasília, DF, 09 jan. 2004. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/lei/110.836.htm. Acesso em 30 out. 2015.

FLORES, O. **A leitura da charge**. Canoas: Ed. Ulbra, 2002. 88p. Disponível em <https://books.google.com.br/books?hl=ptBR&lr=&id=uUepPTvce9gC&oi=fnd&pg=PA13&dq=o+que+%C3%A9+charge+&ots=QaN1A5o-wN&sig=eW64tee4xpFZtgjNr3fLVJE44Q#v=onepage&q=o%20que%20%C3%A9%20charge&f=false>. Acesso em 12 out. 2015.

GUARESCHI, P. Representações Sociais: alguns comentários oportunos. In: NASCIMENTO-SCHULZE, C. (org.). **Novas contribuições para a teorização e pesquisa em Representação Social**. Florianópolis: [s. n.], 1996. Coletâneas da ANPEPP, p. 9-30.

GUARESCHI, P. **Psicologia Social Crítica: como prática de libertação**. 5ª ed. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2012.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). **Brasil recebe prêmio internacional por Bolsa Família**. Brasília, 2013. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=20191. Acesso em: 31 mar. 2017.

JODELET, D. Representações Sociais: um domínio em expansão. In JODELET, D. (Ed.) **As Representações Sociais**. Paris: PUF, 1989. Tradução: Tarso Bonilha Mazzotti. Revisão Técnica: Alda Judith Alves-Mazzotti. Rio de Janeiro: UFRJ- Faculdade de Educação, dez. 1993. Cap. 1, p. 17-44.

JOVCHELOVITCH, S. Psicologia Social, Saber, Comunidade e Cultura. **Psicologia & Sociedade**; 16 (2): 20-31; maio/ago.2004.

MORIGI, V. J. **Teoria Social, Comunicação: Representações Sociais, Produção de Sentidos e Construção dos Imaginários Midiáticos**. In: Revista Eletrônica E-Compós, n.1. dez. 2004.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Editado em inglês por Gerard Duveen; traduzido do inglês por Pedrinho Guareschi. 11.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. 404 p.

OLIVEIRA, F. O de. ; WERBA, G. C. Representações Sociais. In: STREY, M. N.; JAQUES, M. G. C. ;BERNARDES, N. M. G.; GUARESCHI, P. A.; CARLOS, S. A.; FONSECA, T. M. G. **Psicologia Social Contemporânea: livro texto**. 12. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.p. 104-117.

PEREZ, L. C. A. "**Charges**"; Brasil Escola. Disponível em <http://www.brasilecola.com/redacao/charges.htm>. Acesso em 12 out. 2015.

ROMÃO, J. E. et al. Círculo Epistemológico círculo de cultura como metodologia de pesquisa. **Revista Educação e Sociedade**: Universidade Metodista de São Paulo, n. 13, p. 173-195, 2006.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e Cultura Moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação em massa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

ZANELLA, A. V. **Perguntar, registrar e escrever**: inquietações metodológicas. Porto Alegre: Sulina, Editora da UFRGS, 2013.

Música citada:

NASCIMENTO, M.; BRANT, F. Maria, Maria. In NASCIMENTO, M. Clube da Esquina 2. Discos do Brasil, 1978. 2 L.P (Long Play duplo).

APÊNDICE A

Ficha Sociodemográfica

Dados de Identificação:

Nome Inventado:

Grupo nº:

Data:

Início:

Término:

Sexo:

Idade:

Estado Civil:

Cidade em que nasceu:

Cidade em que reside:

Raça: (auto referido)

Religião:

Escolaridade:

Ocupação: (no caso de ser adulto)

Número de filhos e idade dos mesmos:

Desde quando recebe o Bolsa Família?

Qual o valor recebido?